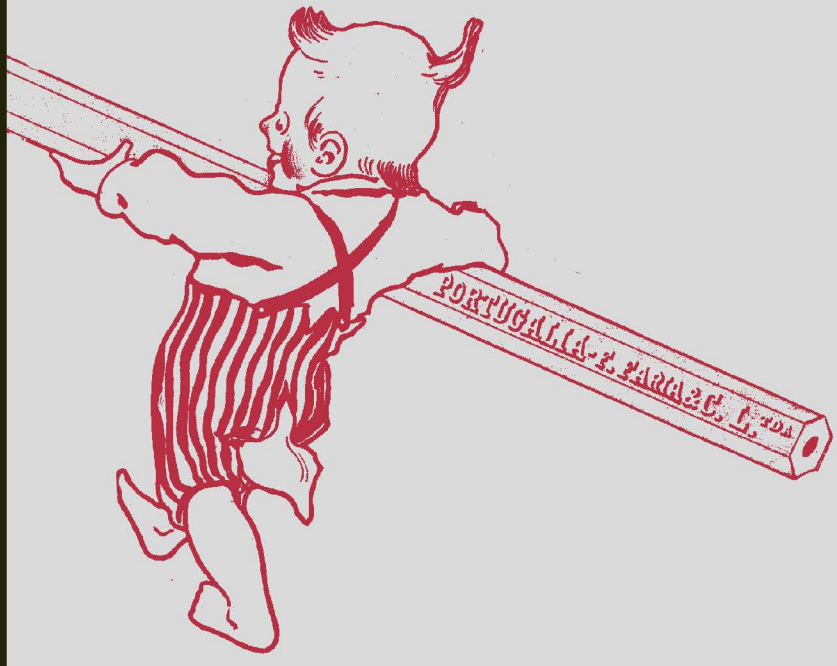
VIARCO

HERANÇA DE UMA INDÚSTRIA NACIONAL

Ângelo Rodriguez




Viarco
FÁBRICA DE LÁPIS
Viarco
FABRICA PORTUGUÊSA DE LAPIS
VIEIRA ARAUJO & C.IA
VILA DO CONDE
PORTUGAL
viarco
FABRICA PORTUGUESA DE LAPIS
VIEIRA ARAUJO & C.ª
LÁPIS
Viarco
Marca Registada

VIARCO

HERANÇA DE
UMA INDÚSTRIA
NACIONAL

Agradecimentos:

Obrigado à Viarco por me receber de braços abertos.

Um especial agradecimento à Dra. Liliana Pereira do Centro de Memória de Vila do Conde, que desde o início do projeto se mostrou pronta a ajudar.
À professora Carmo Costa pelo magnífico trabalho de revisão.

À minha avó, a maior Sanjoanense que já conheci, e à indústria da sua cidade, aos quais dedico este livro.



INTRODUÇÃO
9

O LÁPIS
11

PORTUGALIA
15

SÃO JOÃO DA MADEIRA
64

O INDUSTRIAL
76

VIARCO
84

A FÁBRICA QUE É MUSEU
102

DA COR AO LÁPIS
131

CONCLUSÃO
156

INTRODUÇÃO

Realizado no âmbito da tese de Mestrado em Design de Comunicação, pela ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN em Matosinhos, o livro aqui apresentado nasce de uma necessidade premente: a preservação do nosso *Património Industrial*. O livro "VIARCO: HERANÇA DA INDUSTRIA NACIONAL" apresenta-se como um projeto que ilustra, de forma documental, parte do espólio gráfico da Indústria Portuguesa de Lápis.

Este livro resulta de uma pesquisa, essencialmente imagética, que abrange desde as embalagens aos cartazes publicitários da marca, estabelecendo uma ligação ao design. Assim, procura-se não só apresentar, de um modo foto biográfico, a história da VIARCO – empresa que, desde o início do século XX, faz parte do imaginário português –, como também relatar o percurso da empresa, desde a sua génese, na cidade de Vila do Conde – então com a denominação PORTUGALIA - até à sua deslocação para São João da Madeira, em 1941.

Faz-se ainda uma breve contextualização desta cidade, evidenciando a sua importância industrial e comercial, no panorama português.

Atualmente, a Viarco tornou-se um dos principais focos de turismo da Rota Industrial de São João da Madeira, essencialmente pela demonstração do método de fabrico do lápis. Assim, no capítulo "*Da Cor ao Lápis*", apresenta-se todo o processo – desde o modo de fabrico das minas, até ao embalamento dos lápis.

Com este livro, que não é mais do que um pequeno arquivo da única fábrica nacional de lápis – Viarco – pretendemos dar o nosso contributo para a divulgação e preservação deste exemplar do património industrial português que continua, ainda hoje, a fazer parte do nosso quotidiano. Esperamos que, deste modo, esta firma centenária continue a fazer parte da vida das gerações vindouras e não se torne apenas uma memória.





O LÁPIS

"O lápis, o seu objecto de fabrico, é por excelência a ferramenta com a qual todos iniciamos ciclos de aprendizagem, fundamental para a expressão plástica, para a linguagem escrita, matemática e musical."

« POSTAL (PÁG. ANTERIOR)

Postal de Vila do Conde

Imagem cedida pelo C.M.V.C.

< CITAÇÃO

Frase retirada do livro "Viarco Express", livro comemorativo dos 100 anos da fábrica de lápis

> CITAÇÃO

Frase retirada da capa do
"Commercio de Villa do Conde"
nº 101, Domingo,
25 de outubro de 1908

"Como é vulgarmente sabido, na composição da massa dos lápis entra a grafite ou plombagina e a argila. Aquela consta de carbono natural quase puro, sendo uma variedade de carvão cuja formula é a mesma que a do diamante; mas ao passo que a dureza do diamante é igual a 10, a da grafite que é um corpo muito mole, é representada por 0,5 a 1. (...) Untuosa ao tacto, mancha de negro o papel. Bom condutor da eletricidade, é infusível ao maçarico e inatacável pelos ácidos, ardendo no oxigénio como o diamante, mas com maior dificuldade, acusando cinzas a presença do ferro (...) Quando empregada (...) o principal uso da grafite é o fabrico dos lápis(...)"

Num século onde a escrita digital se torna cada vez mais usual, continua a ser com um simples lápis que o indivíduo inicia uma parte importante do seu processo de desenvolvimento intelectual. Com o lápis desenhamos, escrevemos, expressamos ideias e emoções, num processo evolutivo que nos acompanha ao longo de toda a nossa vida. E, talvez por ser tão banal, nem nos apercebemos da sua importância no nosso quotidiano.

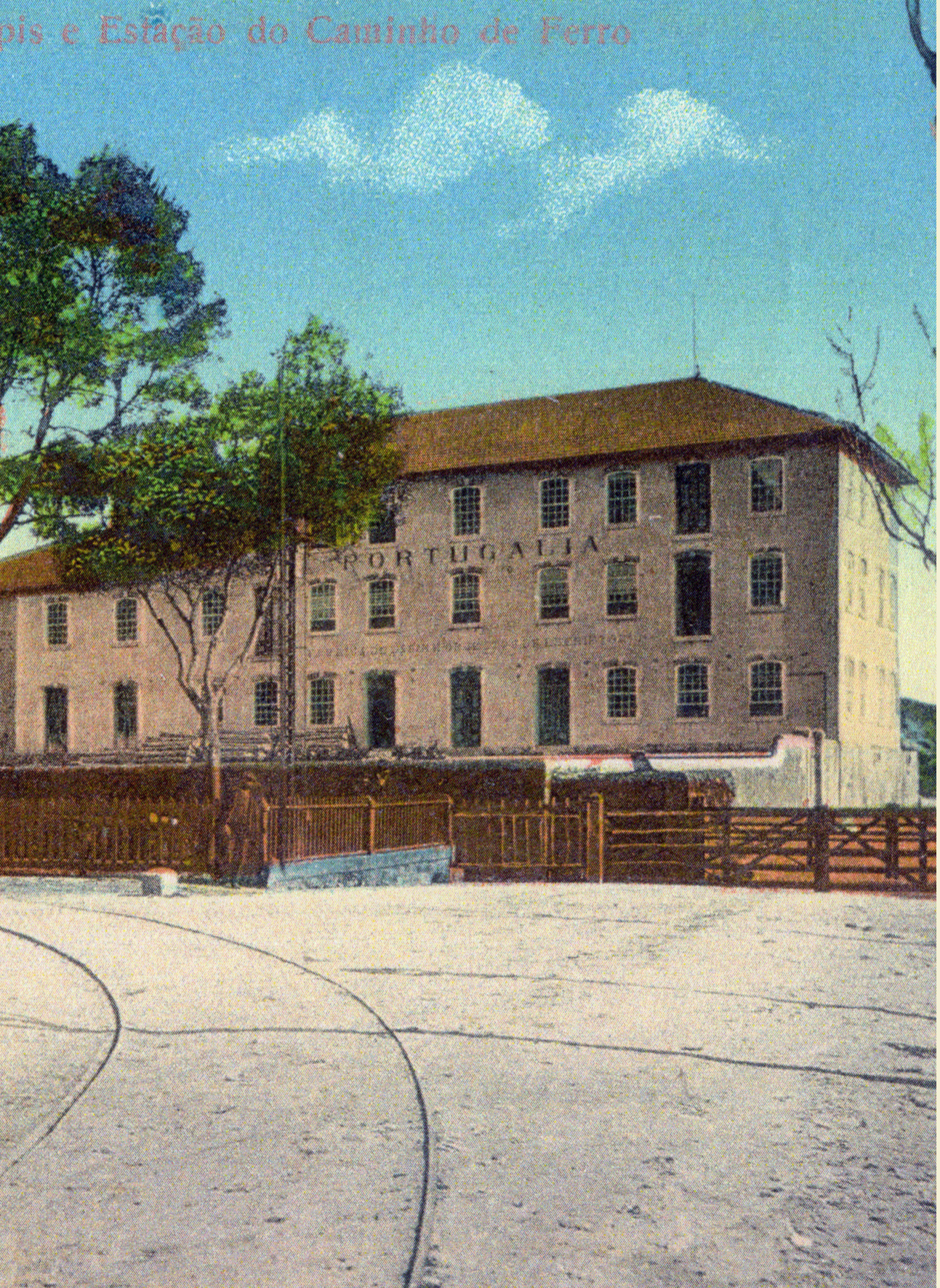
O lápis carrega um simbolismo próprio, que resulta do facto de ser uma ferramenta de aprendizagem e da carga emocional associada a esta experiencia fundamental que é o risco no papel, tal como no livro "VIARCO EXPRESS", afirma Catarina Portas "*Um lápis: uma mina de grafite, com a densidade certa, envolvida em madeira de cedro. Coisa tão leve e discreta, objecto de tão corriqueiro quase invisível, e afinal instrumento básico e essencial de expressão.*"

Este utensílio, para muitos objeto de expressão, nem sempre foi assim considerado. Não está longe uma época da nossa história em que um lápis se tornou o oposto disto mesmo – o "OLÍMPICO 291" – o mais célebre da série dos Olímpicos da VIARCO, mais conhecido como o "LÁPIS AZUL". Durante quatro décadas – a vigência do regime ditatorial – este lápis riscou ideias e opiniões, calou vozes e protestos. No entanto, famoso por ter sido utilizado pela censura, o "OLÍMPICO 291" é, hoje, um lápis para uso profissional, que escreve em quase todos os materiais, desde papel a madeira, de tecido a pedra.

Em Portugal, a VIARCO é a única empresa que produz lápis. Hoje, ao encarar o papel de património industrial, abre as suas portas ao público para partilhar conhecimentos.

A história que se pretende contar neste livro é a de como o lápis – objeto criado no início da revolução industrial – chega aos nossos dias, transformado num objeto que valoriza a produção portuguesa, fazendo parte do nosso património industrial.





PORTUGALIA

> CITAÇÃO

Jornal "O Ave"

Vila do Conde, 17 de Agosto de 1907,

Nº 40

< POSTAL (PORMENOR)

Vila do Conde

Imagem cedida pelo C.M.V.C.

"(...) A Fábrica Portugalia é uma das muitas e generosas manifestações de amorosa intelligencia que o snr. Conselheiro Figueiredo de Faria tem consagrado a Villa do Conde. Sabiamente dirigida pelo seu actual gerente, trabalhador e zeloso como poucos, a Portugalia explorando um privilégio novo, tem diante de si um futuro magnífico e os seus produtos são de tal excellencia que batem, por completo, todos os similares extrangeiros."



FOTOGRAFIA

Fachada da fábrica

© Viarco

JORNAL

Primeira página do Jornal "Commercio de Villa do Conde"

Edição nº 99

FOTOGRAFIA

Imagem retirada do segmento "A nossa Gravura" do jornal "Commercio de Villa do Conde"

Edição nº 100

Em 1907, Vila do Conde orgulha-se de receber a primeira fábrica de lápis e material de escritório em Portugal – "PORTUGÁLIA" – da firma FARIA, CACHEUX & Cª., que se torna, desde logo, um elogio ao "*movimento bairrista e à indústria nacional*".

A parceria era formada entre dois vila-condenses e um francês, os senhores Francisco Figueiredo Faria mais conhecido por Conselheiro Figueiredo Faria, a quem é geralmente atribuída a liderança da fábrica, logo algumas referências mencionam-no como o fundador. Era ele homem de grande influencia política e social vila-condense dos anos finais do século XIX e princípios do século XX; também fazia parte da sociedade, Manuel Ferreira Lopes, Sócio Gerente, natural da freguesia de Árvore; a eles juntou-se também Jules Cacheux, Engenheiro Técnico, que conhece a fundo tudo aquilo que é necessário para o fabrico do lápis com qualidade.

A fábrica, situada então na Avenida Bernardino Machado, junto à antiga estação de caminho de Ferro de Vila do Conde (local onde atualmente se situa o "BAIRRO DELFIM FERREIRA") é inaugurada no dia 25 de março de 1907 e, no dia 30 desse mesmo mês, a empresa entra em plena laboração. Pelas suas dimensões, o edifício destaca-se das restantes fábricas da zona.

N.º 99 DOMINGO. 11 de Outubro de 1908 2.º Anno

Commercio de Villa do Conde

Assignaturas
(PAGAMENTO ADIANTADO)
Anno 1$500 réis.—Semestre 800 réis.
(Para fóra de Villa do Conde accresce com a despeza do correio, por anno 300 réis)
Africa portugueza, anno . . 2$000 réis.
Brazil, (moeda fraca,) anno. 12$000 »
NUMERO AVULSO 50 RÉIS

Semanario independente e illustrado

COLLABORADORES
Dr. A. Pinheiro Torres, dr. Antonio Francisco da Silva, dr. Antonio M. Pereira Junior, Alves Ramos, A. L. de Magalhães, dr. Custodio M. Velloza, Francisco B. do Couto, Mgr. J. Augusto Ferreira, dr. José F. da Silva e Sá, José M. P. Sobrinho, P.e José Praça, J. P. Barboza Gama, dr. L. da Costa Maia (Neto), dr. Manuel da C. Reis, dr. Manuel M. Bertão e M. da Costa Nogueira.

Publicações
Annuncios linha . . . . . 40 réis.
Repetições » . . . . . 20 »
Annuncios por anno, preços convencionaes
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, TYPOGRAPHIA E IMPRESSÃO
RUA DE D. LUIZ 1.º 82

Proprietario, Director e Administrador *Alfredo d'Amaral Correa*— Editor—*José Maria de Faria e Souza*

Camaras

O governo fez notificar ás diversas auctoridades que se desinteressava do resultado das eleições municipaes, visto como, não representando exclusivamente nenhuns interesses politicos, não alimentava a preoccupação de ter *camaras suas*.

Claro que a notificação do governo ás auctoridades vale tanto como as circulares que, em emergencias taes, estas costumam expedir e fazer publicas, recommendando ordem, respeito da lei, liberdade de voto e outras coisas excellentes.

O governo desinteressa-se, mas quem se não desinteressa é o snr. Campos Henriques nos seus vastos dominios do Porto, o snr. José Luciano no seu fiel principado d'Aveiro, o snr. Espregueira no seu sultanato de Vianna, e os outros chefes e *gros-bonnets* dos partidos nas differentes areas onde exercitam o seu poderio,

Esses é que se não despem da preoccupação de ter *camaras suas*, expressão frisante que mostra expressivamente o que resta do velho e forte municipalismo, exterminado em continuos assaltos por um centralismo asphixiante e desmoralisador.

Camaras suas...

De facto, pela passividade vergonhosa em que sempre se mantiveram perante os ataques que ás suas velhas franquias o poder central frequentemente moveu, os municipios ficaram reduzidos a méras repartições dos governos, de uma deprimente subalternidade, não podendo dar um passo sem sua licença, não podendo ter uma iniciativa, ainda a mais justa, sem sua auctorisação, não podendo aproveitar-se, sem os grandes cerceamentos que lhe fazem, dos seus redditos proprios, e só podendo servir-se do que lhes resta, feitos esses descontos leoninos, depois de vencidos os entraves d'uma tutella absolutamente inutil e quantas vezes estupida, sem voz e sem influencia na marcha dos negocios publicos, sujeitos a todas as extrucções e a todas as violencias.

O espirito local desappareceu, e esse inspirava-se, como é sabido, nos interesses da communidade, que por vezes defendia e pleitiava com soberana altivez e singular desassombro. Surgiu, alastrou e domina hoje, como uma parasitagem invencivel, o espirito de caciquismo grosseiro e dissolvente, que quer *camaras suas*, não para defeza dos interesses collectivos, mas para a protecção dos pequeninos interesses de facção a que os primeiros de boamente se sacrificaram.

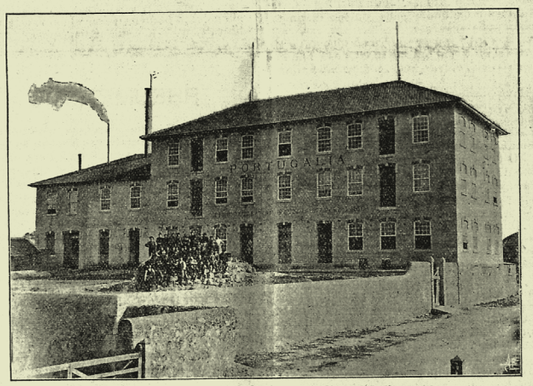
Os governos crearam essa nova forma de dominação, que tem sido um instrumento de desaggregação e corrupção nacional, e que aqui, como em Hespanha, onde provocou já o movimento da *solidaridad*, é provadamente uma das causas da nossa deploravel e contristiva situação, e carinhosamente o afagam e protegem, como elemento essencial, que tambem é da sua propria existencia.

Assim a expressão—*camaras suas*—que o governo empregou na sua circular ou nota officiosa, sendo brutal, é todavia, uma expressão verdadeira.

As *camaras* não são dos concelhos, são dos governos, não são orgãos defensores e propulsores dos interesses locaes, que pretensamente representam, mas dos interesses dos partidos, que realmente servem.

E' assim infelizmente, e ainda que o desinteresse do governo se devesse entender como um proposito serio e moralisador, e de facto tal se mostrasse, sempre as camaras lhe pertenceriam, porque ha muito que os concelhos vencidos dominados pelo caciquismo, seguindo-o e obdecendo-lhe, renunciaram de vez a ter... *camaras suas*.

Pereira Junior
Advogado-Notario
RUA DE SANTO AMARO—VILLA DO CONDE



CLICHÉ DE JOAQUIM ADRIANO

VILLA DO CONDE—FABRICA DE LAPIS «PORTUGALIA»—O edificio

A nossa gravura

FABRICA DE LAPIS PORTUGALIA

O EDIFICIO

JUNTO da estação do caminho de ferro d'esta villa, pelo lado do poente da linha, e á entrada da moderna Avenida do Conselheiro Bernardino Machado, ergue-se o edificio da fabrica de lapis e objectos de escriptorio, denominada «Portugalia», propriedade da firma Faria, Cacheux & C.ª. Esta fabrica representada na gravura, do presente numero d'este semanario, é a unica no seu genero no nosso paiz, e representa uma tentativa industrial, de cujos resultados já se não póde duvidar, ao mesmo tempo que patriotica, pelo menos por parte do seu principal associado, o ex.mo snr. Conselheiro Francisco Xavier de Castro Figueiredo de Faria, antigo deputado por este circulo, e digno chefe do partido regenerador n'este concelho.

Os pavimentos ou andares sobrepostos não dão ideia de uma fabrica moderna, mas o edificio foi principiado para ter proporções mais modestas, isto é, um só pavimento, como parecia convir a um edificio destinado a instalação d'uma industria nova no paiz. Ainda antes de concluido o edificio se reconheceu a necessidade de o ampliar, a fim de n'elle poder ser exercida a nova industria em maior escala.

O edificio da fabrica de lapis e objectos d'escriptorio—«Portugalia»—está feito em condições e tem machinismo tão aperfeiçoado, que póde abastecer os mercados do paiz, do Brazil e das nossas colonias.

Na exposição de rendas realisada, no mez d'agosto do anno passado, nas salas do «Club Primeiro de Dezembro,» apresentou uma vitrine com productos seus, os quaes foram reputados, geralmente, eguaes ou superiores aos importados do estrangeiro.

Para a exposição ha pouco inaugurada na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal da florescente Republica dos Estados Unidos do Brazil, tambem a «Portugalia» enviou, em devido tempo, outra vitrine com os mesmos productos artisticamente dispostos, e é de esperar que n'aquelle certamen, elles sejam devidamente apreciados.

A implantação d'uma industria nova, no paiz, como o fabrico de lapis, se para o mesmo paiz representa sempre um progresso, nem sempre representa para os que n'ella empregam capitaes um resultado certo ou seguro.

Esse resultado só se póde obter conseguindo-se, como a «Portugalia», conseguiu que os productos da nova industria possam competir em perfeição e em preços com os productos similares da industria estrangeira até então importados no paiz.

E' certo que a protecção pautal decretada em 1892, tem feito com que os capitaes, desde então para cá, se appliquem em mais quantidade, ás novas industrias, mas nem sempre o consummidor tem tirado d'ahi vantagens, porque nem todos os productos classificados de novas industrias, egualam os similares estrangeiros e quando succede egualal-os ou excedel-os em perfeição, o seu custo é muito superior ao d'aquelles. Não succede assim com os productos da «Portugalia», que egualam, em perfeição os similares estrangeiros, sendo vendidos nos mercados por preços eguaes ou inferiores.

A implantação d'uma industria nova, n'estas condições, é sempre um assignalado serviço prestado ao paiz, porque representa valor em ouro, que deixa de ir para o estrangeiro.

Em certas condicções a protecção pautal concedida, ainda devia ser de forma a animar mais os capitaes a esses emprehendimentos, não se sacrificando, em excesso, o consumidor.

Do fabrico dos lapis deu amplas informações, aos leitores d'este jornal, em successivos artigos o seu distincto collaborador e habil clinico, snr. dr. Luiz da Costa Maia, o qual tem cabaes conhecimentos d'algumas das novas industrias, que muito convinha e convem implantar no paiz. A elle se deve a nova industria de penas d'aço, que actualmente se exerce n'uma fabrica, proxima da estação de Pedras Rubras, na linha ferrea do Porto á Povoa, para a montagem da qual teve de ir a Allemanha, onde visitou muitas das principaes fabricas.

A industria da fabricação dos lapis, com quanto moderna nos seus aperfeiçoamentos, pelo emprego da substancia de aspecto metálico, de côr escura chamada plombagina e que é um carbonato de ferro muito brando, era já conhecida, na Edade media, havendo duas cathegorias bem distinctas estyletes de metal, mais ou menos brando, pontas de cobre, prata, ouro e chumbo, de que apparecem exemplos nos objectos de chumbo de cabeça achatada e ornamentada encontrados no Sena, (França) e que datam do seculo XIV; e seguidamente, os lapis de materia molle como o chumbo e presa n'um tubo, aparando-se á medida das necessidades. Estes lapis velhos ascendentes da nossa plombagina, mettida entre madeira, não eram uzados pelos artistas, mas pelos artifices e estudantes, que com elles tiravam os apontamentos de que careciam. Os pintores serviram-se durante muito tempo da ponta de prata, como o provam todos os velhos desenhos conservados nos museus. A plombagina appareceu em França, talvez no reinado de Luiz XIII.

Estes ultimos periodos transcrevemol-os da «Encyclopedia Illustrada».

Ora, desde o reinado de Luiz XIII, [o Justo], que subio ao throno em 14 de maio de 1610, até hoje, que enorme progresso deve ter tido esta industria, mormente depois do meado do seculo passado em que foram descobertos na Russia, vastos jazigos de plombagina. Todos esses progressos se acham consubstanciados nos productos da «Portugalia», os quaes tanto honram o paiz, como é de justiça que d'elles tirem os proprietarios da dita fabrica os interesses remuneradores do capital por elles alli empregado.

No proximo numero tornaremos a fallar d'esta fabrica, acompanhando uma gravura d'um dos seus aspectos interiores.

M. Nogueira.

FRUCTUARIA DE V.a DO CONDE
MANTEIGA PURA de LEITE DE VACCA
á venda em boiões de 0,250 gr. e latas de 0,250 e 0,500 gr. no estabelecimento de fazendas de
Alfredo d'Amaral Corrêa

› CITAÇÃO

Jornal "Comercio de Villa do Conde"

Vila do Conde, 11 Outubro, 1908 – Nº 99

⌄ LÁPIS

Objeto promocional da Faria, Cacheux & C.ª

Fotografia cedida pelo C.M.V.C.

» FOTOGRAFIA

Trabalhadores em horario de expediente

Circa 1908

Imagem cedida pelo C.M.V.C.

"(...)Junto da estação do caminho de ferro d'esta villa, pelo lado do poente da linha, e a entrada da moderna Avenida do Conselheiro Bernardino Machado, ergue-se o edifício da fabrica de lápis e objectos de escriptorio, denominada «Portugalia», propriedade da firma Faria, Cacheux & C.ª (...)"







< FOTOGRAFIA

Sócios e operário da fábrica

Fotografia cedida pelo C.M.V.C.

> CITAÇÃO

Jornal "O Ave"

Villa do Conde, 19 de Abril

1907 – Ano I – Nº 32

⌄ FOTOGRAFIA

Vista da fábrica do outro lado do rio (ao fundo)

© Viarco

"Tem Villa do Conde o louvavel orgulho de possuir a primeira e única fabrica de lápis do seu paiz, tentada e iniciada não pelo génio creador da especulação extrangeira, como geralmente sucede, mal pelo esforço, pelo sacrifício e pelo arrojo de um dos mais ilustres e devotados filhos d'esta terra – Conselheiro Figueiredo de Faria."







LETREIRO

"Peçam os legítimos lápis da Portugália"

© Viarco



› CITAÇÃO

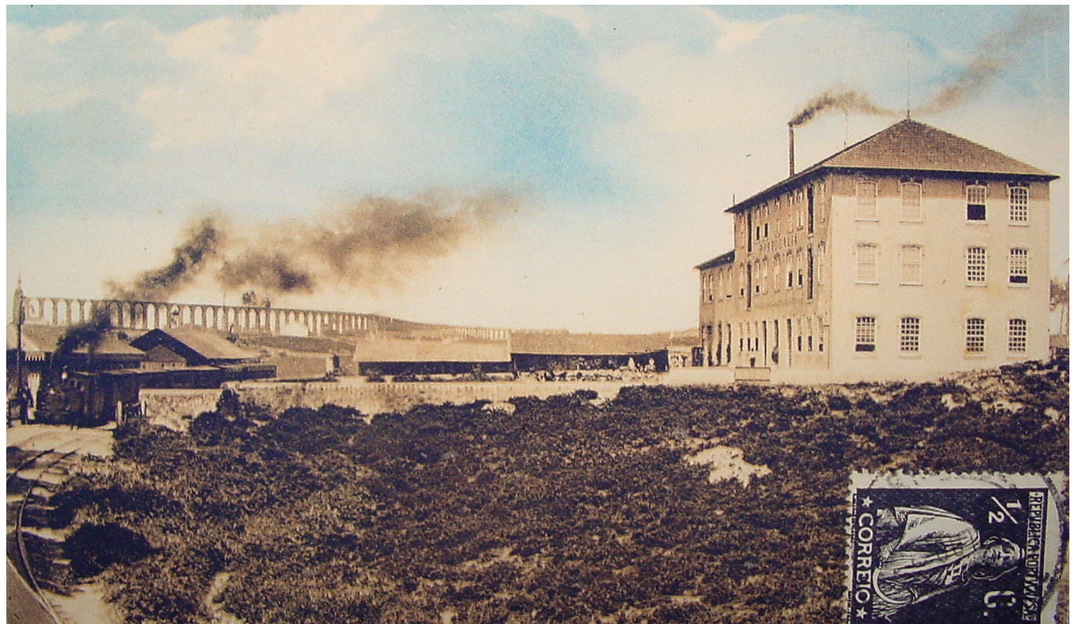
Artigo com descrição da fábrica "Portugalia" do jornal Ave
Vila do Conde, 17 de Agosto de 1907, Nº 40

⌄ POSTAL

Estação de caminhos de ferro e fábrica de lápis
Final da 2ª década do séc. XX
Imagem cedida pelo C.M.V.C.

"Entremos agora na descripção do predio e das differentes operações para a feitura dos lapis:

Meia volta em redor do edificio para d'elle se destacarem imediatamente tres corpos: um central, que faz a parte mais vistosa, mais ampla e mais importante da fabrica e dois pequenos corpos, um ao norte, outro a sudeste do corpo principal. É n'este corpo, a sudeste, meio subterraneo, que está depositada a matéria prima mineral.



O corpo norte que segue a fachada do corpo principal, tem apenas um andar, em salão reservado á seccagem da madeira em pranchetas, já collocadas duas a duas.

O corpo central tem dois andares servidos por escadaria bem lançada; o primeiro andar, bem como o rez do chão, é destinado às diversas secções da fabricação dos lápis; o segundo andar, em amplíssimo salão, é onde se hão de instalar oficinas para se fabricar diferentes objetos d'escriptorio.(...)

O rez do chão e o primeiro andar, abstrahindo de corredores e escadas, são ambos divididos, de fóra a fóra, de norte a sul, em salas que distam umas para o nascente e outras para o poente. ›

Para seguirmos por sua ordem as diversas operações por que passam os lápis, vamos à grande sala do sudeste, contigua ao deposito da materia prima mineral, ao rez do chão. Ahí vêmos os moinhos, em numero de seis, uma machina engenhosíssima que lava mechanicamente a grafite e a argila, por um processo incomparavelmente superior ao que ainda ha tempos se usava, e as vasilhas onde se opera a mistura da grafite com a argila, em proporções variaveis, segundo o numero de lapis.

Caminhando para o norte, sempre pelo nascente, encontra-se a offcina onde são moldados os bastonetes; depois uma sala de ensaios com um pequeno fôrno para temperar a matéria gráphica já moldada e cosida; e finalmente, no extremo norte, uma grande estufa ›



< CARTAZ

Portugália,
impresso pelo ETP - Estúdio Técnico de Publicidade
Tradução do slogan:
"*Não, não!! A minha preferência é para a «Portugalia»*"
Imagem cedida pelo C.M.V.C.

que é um primôr, onde são cosidos os bastonetes graphicos. Taes são as operações sobre a materia mineral. Mais curiosa no fabrico dos lápis é a parte concernente ao trabalho da madeira. As offcinas ocupam o resto do rez do chão, menos uma parte tornada pela offcina de serralheria, junto da machina a vapor, e todo o primeiro andar, à excepção do escriptório e d'um armazem para os lápis fabricados."

˅ FOTOGRAFIA
Fachada da fábrica com especial destaque ao painel publicitário e ao lápis gigante.
Imagem cecida pelo C.M.V.C.

» CARTAZ (PÁGS. SEGUINTE)
Portugália, impresso pelo ETP
© Viarco



"PORTUGALIA"

F. FARIA & Cª L.TDA

VILLA DO CONDE

MARCA REGISTADA

PORTUGALIA-F. FARIA & C. L.TDA

NÃO QUEBRA NEM Á MÃO DE DEUS PADRE

FABRICA DE LAPIS CANETAS E TODOS OS OBJECTOS DE ESCRIPTORIO

ETP

De acordo com alguns jornais da época, os lápis produzidos apresentavam uma elevada qualidade, igual ou superior à dos produtos semelhantes importados do estrangeiro. O periódico *Commercio de Villa do Conde* chega a afirmar que a madeira utilizada na sua confeção era de cedro aromático, proveniente da América do Norte, da Florida .

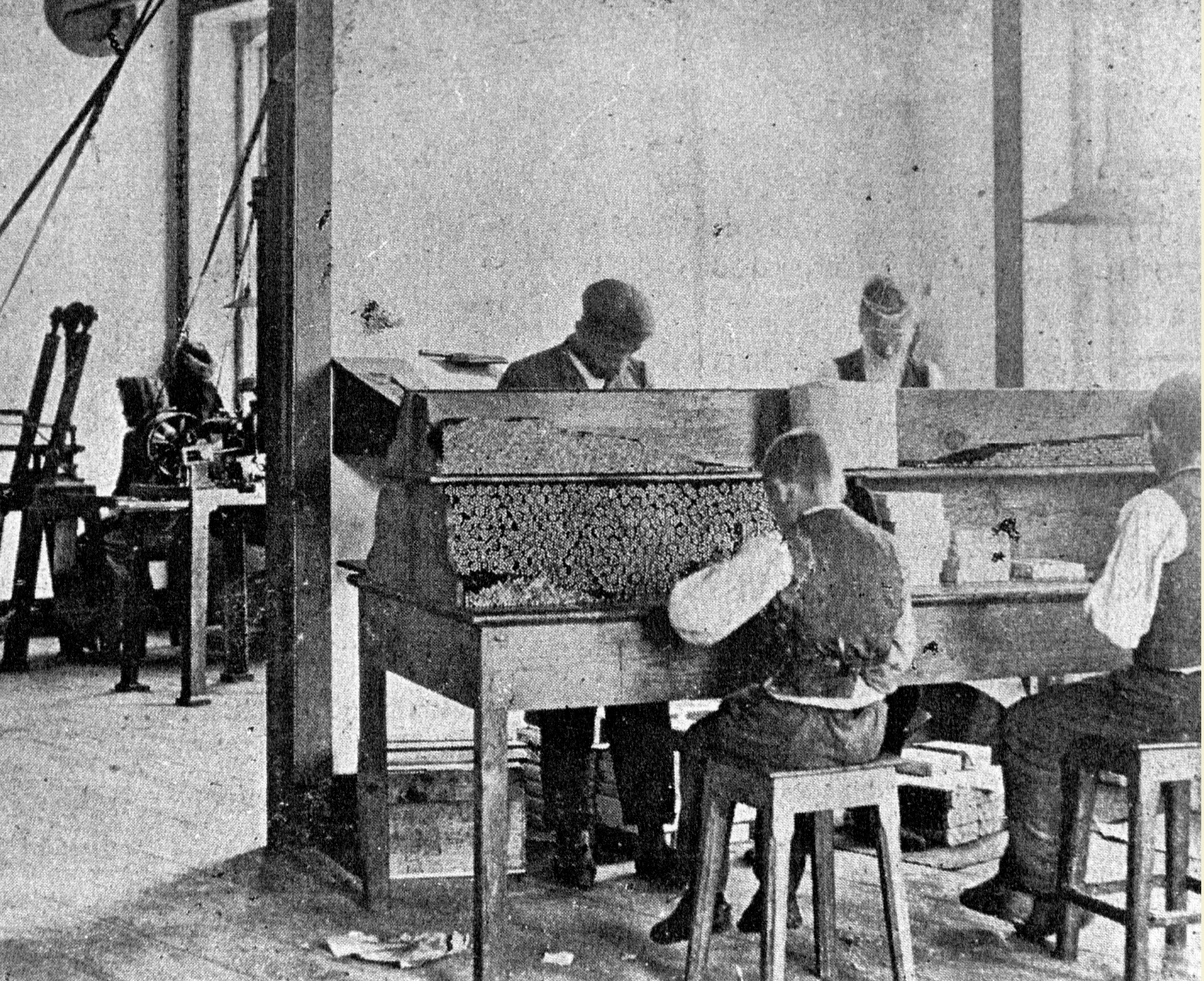
Os cartazes publicitários, desenvolvidos para a Portugalia, tentavam transmitir, em muitos dos casos, o orgulho pelos produtos nacionais. É disso exemplo o cartaz aqui reproduzido, onde é ilustrada uma batalha opondo um indivíduo a um grupo. Os que lutam com aquilo que parece ser um lápis verde, com a inscrição "*lapis extrangeiro*", têm as suas armas (lápis) partidas ou estão estendidos no chão. O oponente, que se mantém sobre os corpos a terra, utiliza um lápis com a inscrição "PORTUGALIA, FARIA & Cª". É ainda legível, num dos lápis que emoldura a ilustração, a frase: "*Toda a concorrencia estrangeira é vencida pela superioridade incontestavel dos nossos productos*".

Em 1908, a Portugália envia uma vitrine, com os seus melhores produtos "*artisticamente dispostos*"[1], para exposição Nacional do Rio de Janeiro, no Brasil, onde é premiada com a medalha de Ouro. A marca começa, deste modo, a ser impulsionada nos mercados estrangeiros e, a partir dessa altura, "*são criadas Agências e Depósitos em Lisboa, Porto, Madeira, Paris, Madrid, Barcelona, Buenos Aires, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos, Baía, Manaus, em todas as colónias portuguesas e na Rodésia Inglesa.*"[2]

A denominação social "*Faria, Cacheux & Cª*", utilizada em 1908, passa no ano seguinte para "*F. Faria & Cª*". Já em 1926, é conhecida como "*Fábrica de Lápis Franco-Portuguesa Lda.*" e, em novembro de 1929, utiliza a denominação "*Fábrica Portuguesa de Lápis, Lda*". Apesar destas constantes mudanças na denominação social, a marca "*Portugalia*" fortalece-se e, além de fabricar lápis e material de escritório, ainda produz, entre outros artigos, canelas e bobines para fábricas de fiação e tecidos.







< FOTOGRAFIA

Trabalhadores em horario de expediente

Circa 1908

Imagem original cedida pelo C.M.V.C.

« IMAGEM (PAG. ANTERIOR)
Cartaz da Portugália - 1916
Imagem cedida pela Viarco

˅ FOTOGRAFIA
Lápis gigante promocional da Portugalia
Fotografia cedida pelo C.M.V.C.

> CITAÇÃO
Jornal "Commercio de Villa do Conde"
Villa do Conde,
11 de Outubro de 1908, nº 99

"O edifício da fabrica de lápis e objectos d'escriptorio –Portugalia– está feito em condições e tem machinismo tão aperfeiçoado, que pode abastecer os mercados do paiz, do Brazil e das nossas colónias."

O facto de "PORTUGÁLIA" ter sido pioneira no desenvolvimento de artigos de escritório em Portugal, não impediu a sua produção de ser gravemente afetada com a entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial. A falência é declarada em 1931 e, só três anos depois, é adquirida por Manoel Vieira Araújo, industrial de S. João da Madeira, que decide diversificar o ramo de atividades da firma, agora "*Vieira Araújo & Cª, Lda*". Enquanto empresa de cariz familiar, cabe a António Vieira Araújo (filho do proprietário) a responsabilidade de modernizar e dinamizar a fábrica.

Nos primeiros anos de trabalho, implementam-se novos métodos de produção e instalam-se máquinas que permitem não só melhorar a qualidade dos lápis como também diversificar a oferta de produtos.

Ainda na cidade de origem – Vila do Conde – o novo proprietário cria a marca de lápis "VITÓRIA", mas só em 1936 regista a patente da marca que chega aos nossos dias - VIARCO. Esta designação resulta da junção das iniciais de Vieira, Araújo e Companhia (nome da sua fábrica de chapéus, fundada em 1919, em São João da Madeira).

Em 1941, a fábrica de lápis é transferida para São João da Madeira com todos os equipamentos e também muitos dos seus operários.



⌄ GRAVURA

Reprodução de uma "photogravura" publicada no jornal "O Ave" após a inauguração da fábrica.

› EMBALAGEM

Planificação de umas das embalagens de 12 lápis de cor feitos na Portugália. Embalagem para a marca Pêbêcê, ou seja, para a "Polónio Basto e Cª". A fábrica produzia o conteudo e a pedido de outras marcas colocava o logotipo das mesmas

Litografia impressa a 2 cores (V+A)





> POSTAL

Litografia/Fotografia da Fabrica

Imagem cedida pela Viarco

> EMBALAGEM

2ª versão da embalagem da página anterior, para 6 lápis de cor

Impressa a 2 cores (V+A)

» EMBALAGENS (VÁRIAS)

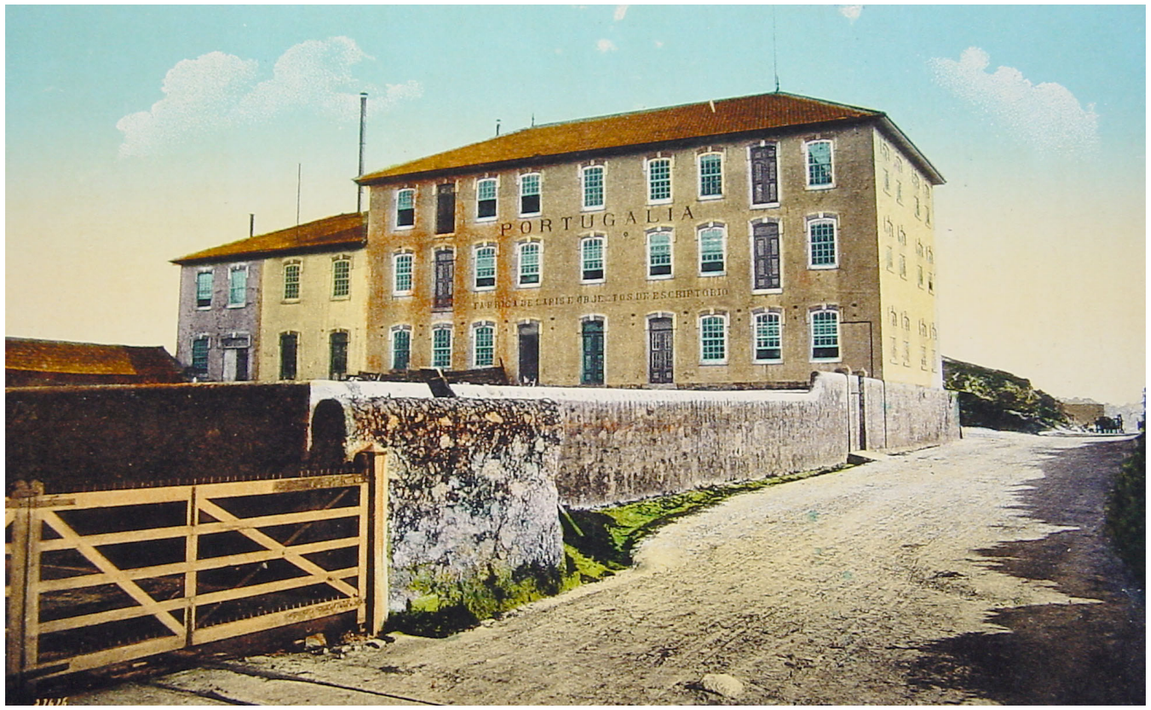
Ilustrações utilizadas nas embalagens de lápis de cor

A - impressa a litografia em 2 cores - Ref: 1301

Designação: "CX Menina a colher flores"

B e C - estudos originais a guache

Imagens digitalizadas, cedidas pela Viarco





A



B



C







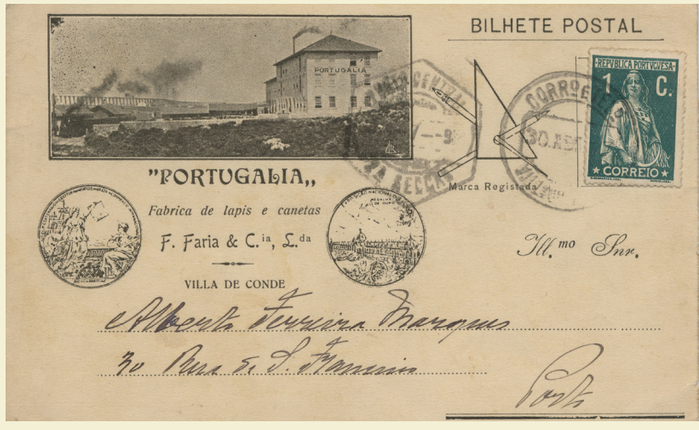
< FOTOGRAFIA

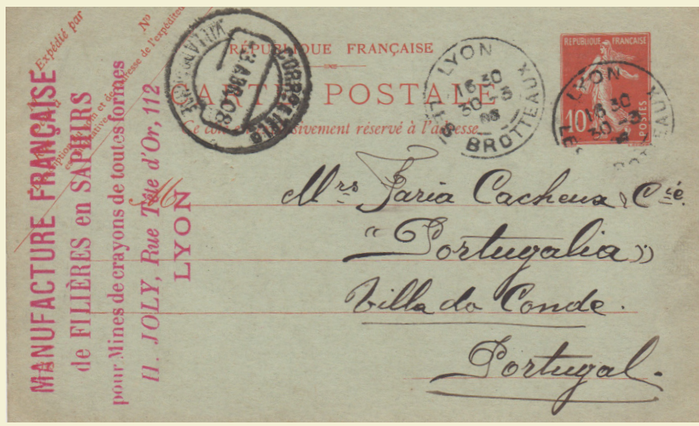
Trabalhadores em horario de espediente

Circa 1908

Imagem cedida pelo C.M.V.C.







< OBJECTOS

Os três primeiros objetos (a contar da esquerda) são adaptadores para aparos, os quatro objetos seguintes são tampas dos lápis vendidos pela Portugalia

Imagem cedida pelo C.M.V.C.

> VERSO DE POSTAL

Bilhete Postal enviado pela Portugalia

Circa 1906

Bilhete cedido pelo C.M.V.C.

> VERSO DE POSTAL

Bilhete Postal recebido pela Portugalia

Circa 1906

© Viarco

Conselheiro Figueiredo de Faria
SOCIO CAPITALISTA

M. F. Lopes
SOCIO GERENTE

J. Cacheux
SOCIO E ENGENHEIRO TECNICO

"PORTUGALIA,,

FABRICA DE LAPIS E OBJECTOS DE ESCRIPTORIO

(INDUSTRIA PRIVELIGIADA)

Villa do Conde, ... de ..... de 19....

Ill.mo Snr.

Temos a honra de participar a V. S.a que está installada a nossa fabrica de lapis "Portugalia,, e em completa laboração.

Junto enviamos algumas amostras de lapis, para que possa julgar da sua perfeição e qualidades, pois temos a certeza que o nosso artigo é superior e vae competir plenamente, senão com vantagem, com o que importamos no genero do extrangeiro.

Temos a collaboração do nosso socio e distincto engenheiro francez Mr. Jules Cacheux, director technico e que em França dirigiu a sua fabrica "F. Cacheux,, fundada em 1832.

Podemos tambem timbrar estes lapis com as marcas da casa do nosso socio e engenheiro technico, de Paris, "F. Cacheux,, e outras. Esperamos dever a V. S.a o favor da preferencia da nossa casa, visto o producto da fabrica "Portugalia,, ser de 1.a qualidade. A nossa fabrica produzirá todas as variedades no genero.

Esperando merecer a honra das suas ordens, subscrevo-me

De V. S.a
Att.o ven.or e obr.do

SOCIO GERENTE

< CARTA

Enviada pelo escritório da fábrica Portugalia - a carta convidava o remetente a vir visitar a fábrica que se encontrava a partir daí em plena laboração, junto da carta eram também enviados um conjunto de lápis para que quem os recebesse pudesse verificar a qualidade do produto

Circa 1906

© Viarco

˅ IMAGEM

Postal sem estrear da Portugalia

Impresso a 4 cores

© Viarco



PORTUGALIA

FABRICA DE LAPIS E OBJECTOS D'ESCRIPTORIO

MARCA REGISTADA

F. FARIA & C.ª L.DA

MARCA REGISTADA

VILLA DO CONDE (PORTUGAL)

PREMIADA com MEDALHA D'OURO na EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, EM 1908

« MOSTRADOR (PAG. ANTERIOR)

Note-se na inscrição: "premiada com medalha d'ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908", como foi referido anteriormente, a fábrica ganhou o primeiro lugar por expor "artisticamente" os seus produtos de escritório

Fotografia cedida pelo c.m.v.c.

> PAPEL DE CARTA

"Fabrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizella"

Apesar de ser uma fábrica de lápis, a Portugália (utilizando as oficinas de serralharia) ainda fazia canelas e bobines para fábricas de fiação e tecidos

Imagem proveniente da Viarco

» MOSTRUARIO (VARIAS IMAGENS)

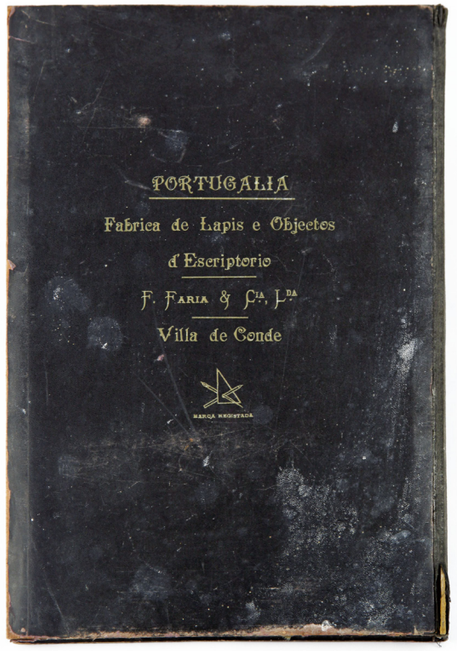
Para lápis (sem lápis)

O mostruario estaria fechado (imagem A) num formato superior ao A4 quando o possivel cliente desejasse ver os lápis o mostruario abrir-se-ia em 5 partes (imagem B) e teria, assim, uma panoplia de lápis e aparos por onde escolher

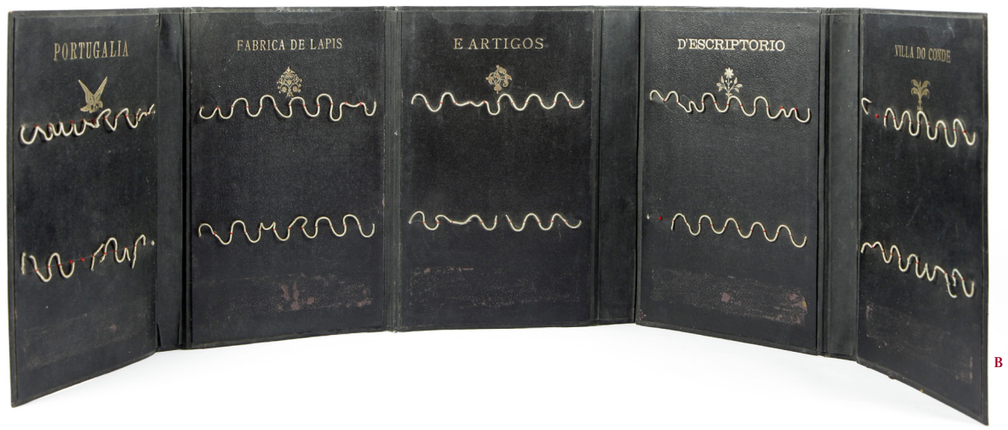
Fotografia cedida pelo C.M.V.C.


Fabrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizella
LIMITADA
Séde no Porto — CLERIGOS, 100
FABRICA — EM NEGRELLOS
Ill.mo Snr.
F. Faria & Cª Limitada
Fabrica de Lapis » A Portugalia»
Villa do Conde





A



B



< CALENDÁRIO

Publicidade da Portugália em 1917. Mais uma vez é visível a estratégia de marketing, adoptada pela marca, que se tentava mostrar superior à concorrencia estrangeira. Tal como em outros cartazes da marca é mostrada uma cena de guerra onde as armas utilizadas são lápis.

Cartaz desenhado
por Raul de Caldevilla
Impresso pelo ETP
© Viarco

> RÓTULO

Rótulo original da Fábrica
Portuguesa de Lápis, marca Ave
Desenhado a tinta-da-china
Para ser impresso a Preto e Azul
© Viarco

⌄ LÁPIS

Objecto promocional
Lápis publicitário da Portugália
© Viarco





IMAGENS (VÁRIAS)

Três versões do mesmo cartaz traduzidas de português para francês e castelhano

Cartaz português cedido pela Viarco

Cartazes francês e castelhano provenientes do C.M.V.C.

CARTAZ

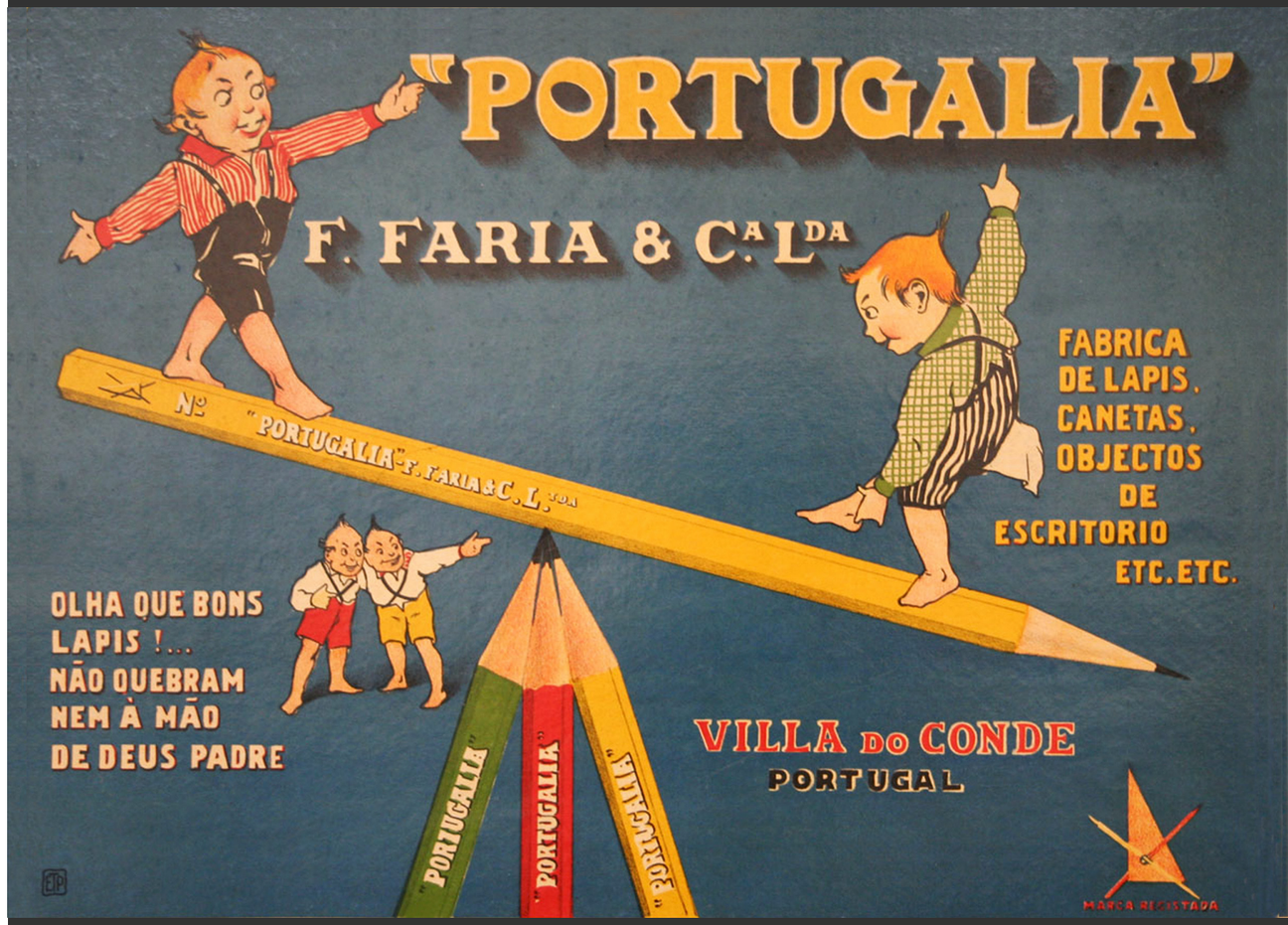
Publicidade dos lápis Portugália. No cartaz encontra-se o slogan: "Não quebram nem à mão de Deus padre" que foi utilizado numa grande parte dos cartazes publicitários da marca. Atualmente existe uma cópia do mesmo à entrada da fábrica Viarco em São João da Madeira

© Viarco











< FOTOGRAFIA

Fábrica, à entrada da mesma, são visíveis os trabalhadores
É também lida a inscrição, abaixo
"*2 anos depois da fundação - 1908*"
© Viarco

» IMAGEM (PÁG. SEGUINTE)

Pormenor de embalagem
"Acrobatas" para 12 lápis de cor
© Viarco



> EMBALAGEM PLANIFICADA

Embalagem para lápis de cor, quantidade: 6 e 12 lápis
Após a fábrica ter sido adquirida por Manoel Vieira Araújo ele altera o nome da indústria de "Portugalia" para "Fábrica Portuguêsa de Lápis"
impresso a 2 cores (A+V) - ref: 1931
Designação: "cx menina com livros"
Imagem digitalizada,
cedidas pela Viarco

» ILUSTRAÇÕES PARA EMBALAGEM

Exemplos de outras ilustrações utilizadas nas embalagens de lápis de cor após a aquisição de Manoel Araújo
impresso a 2 cores (A+V) - ref: 1931
Designação A: "cx menino a pintar"
Designação B: "cx menino com lápis na orelha"
Imagens digitalizadas,
cedidas pela Viarco

» EMBALAGENS PLANIFICADAS

Embalagens para 6 lápis, com o nome "Vitória" com o logotipo da marca AVE (marca da Fabrica Portuguêsa de Lápis)
impresso a 1 cor - ref: 1931
Designação C: "Boxe"
Designação D: "Homens a Remar"
Imagens digitalizadas,
cedidas pela Viarco







A



B



C



D

> EMBALAGEM PLANIFICADA

Embalagem para 6 lápis
No logotipo está impressa a imagem de uma Vieira e uma Águia, com a inscrição Evieira
Impresso na Lito Maia-Porto
Imagem fotografada na Viarco





< ILUSTRAÇÃO PARA EMBALAGEM

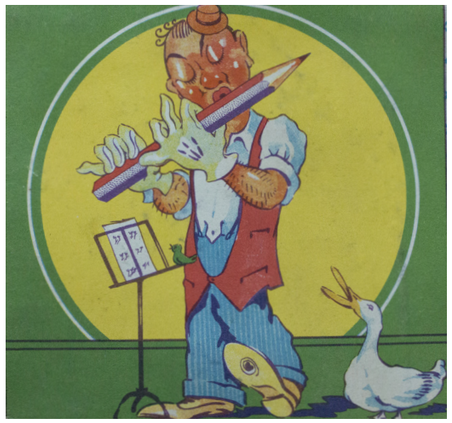
Ilustração utilizada
para caixa de lápis (6 e 12)
Caixa para a marca "Emegê"
Impresso na Lito Maia-Porto
Imagem fotografada na Viarco

> EMBALAGEM (PORMENOR)

Ilustração utilizada
para caixa de 12 e 6 lápis
Nas caixas originais era impresso, no lugar do logotipo, um barco podendo estar associado à marca "Rio Ave", uma das marcas criadas pela fábrica
Impresso na Lito Maia-Porto
Imagens fotografadas na Viarco







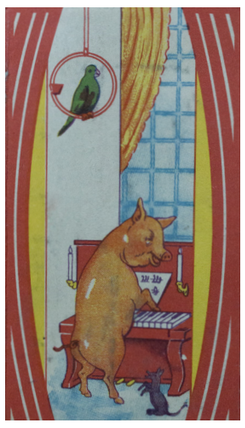
< ILUSTRAÇÃO PARA EMBALAGEM

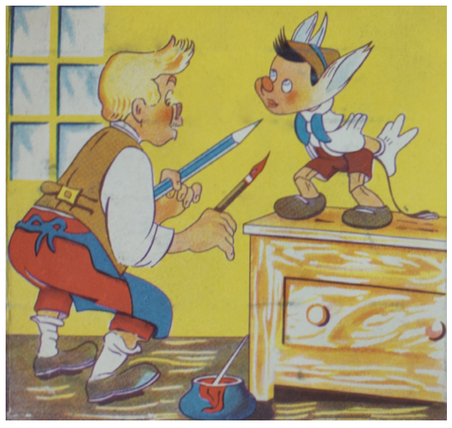
Ilustração utilizada
para caixa de 12 lápis
Caixa para a marca "Pêbêcê"
Impresso na Lito Maia-Porto
Imagem fotografada na Viarco

> ILUSTRAÇÕES PARA EMBALAGEM

Ilustração utilizadas
para caixa de 12 e 6 lápis
No lugar reservado para o logotipo está impresso a marca Rex
A ilustração da direita, apesar de ser de dimensões para 6 lápis era utilizada em ambas as versões
Impresso na Lito Maia-Porto
Imagens fotografadas na Viarco









< ILUSTRAÇÃO PARA EMBALAGEM

Ilustrações do Pinóquio
utilizadas para caixa
de 12 e 6 lápis
Em certos casos a ilustração era alterada de acordo com a quantidade de lápis
Impresso na Lito Maia-Porto
Imagens fotografadas na Viarco



S. JOÃO DA MADEIRA

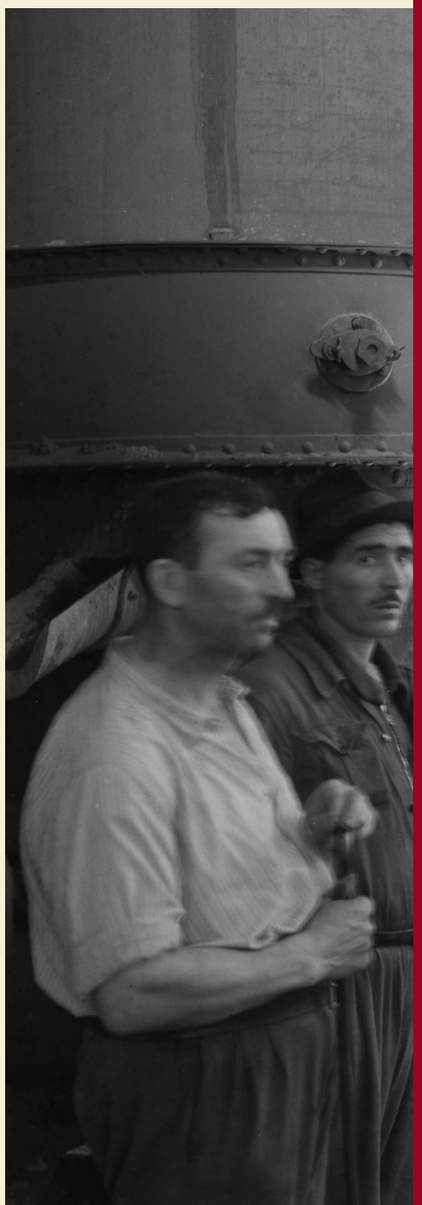
"S. João é um povo que encerra
As virtudes benditas do lar;
Crê em Deus, no Trabalho e na Terra,
Sabe amar e sofrer e cantar.

Ardoso nas lutas da vida,
O Progresso constante mantém;
Fronte nobre – não foge da lida,
Braços rijos – não cede a ninguém (...)"

< CITAÇÃO
Primeira estrofe do hino de São João da Madeira
Letra da autoria do Dr. Serafim Leite

« FOTOGRAFIA (PÁG. ANTERIOR)
Vista a partir da Câmara Municipal para o antigo cinema (atualmente Casa da Criatividade)
Fotografia do espólio de Carlos Costa

˅ FOTOGRAFIA
Fotografia de trabalhadores na Metalúrgica Oliva em 1950
Fotografia de Mário Novais





Elevada a cidade em 1984, São João da Madeira era, já na altura, considerada por muitos dos seus cidadãos como a capital da indústria portuguesa – título que ainda hoje mantém.

Com as transformações económicas e sociais que ocorrem, em Portugal e no resto do mundo, entre os séculos XVII e XIX, a máquina é introduzida na Indústria. Assim "*a indústria disseminada, vem dar lugar à concentração industrial – a grande empresa*".[3]

Em São João da Madeira, a atividade industrial instala-se durante o século XIX e é, ainda atualmente, causa do seu desenvolvimento e origem do progresso económico que tem vindo a influenciar a vida da sua população.

Segundo a *Monografia de São João da Madeira* (1944), o "*movimento*" de desenvolvimento da cidade ocorre entre 1820 e 1830. Essa Monografia afirma que a povoação acorda de uma "*longa hipnose*" e se torna uma freguesia relevante nesta evolução da industrialização. É criada, então, no século XIX, "*uma das primeiras freguesias do distrito de Aveiro*". É difícil perceber qual a primeira atividade industrial a fixar-se na localidade, uma vez que os documentos divergem entre a produção de chapéus e a de calçado.



> FOTOGRAFIA

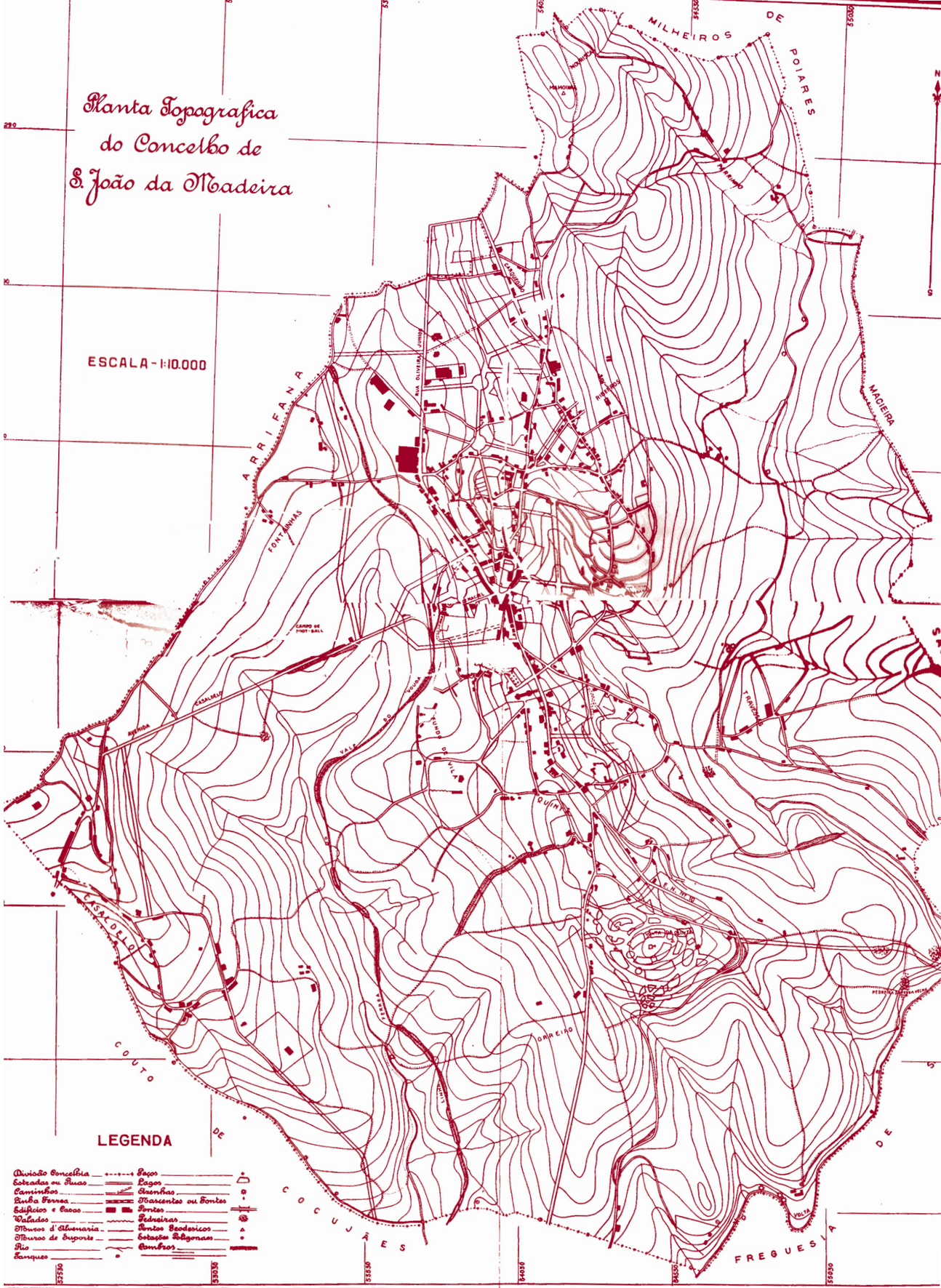
Benjamim José de Araújo, pimeiro Presidente da Câmara Municipal de São João da Madeira

Imagem retirada da Monografia de S. J. da Madeira

» MAPA

Mapa Topográfico do concelho de São João da Madeira

Imagem restaurada a partir da Monografia da cidade



» BRASÃO

Símbolo da cidade, desenhado pelo Dr. Serafim Leite.
São mostrados os dois aspetos de trabalho da cidade: indústria e agricultura.
As cores representativas são: o dourado do molho de trigo sobre campo verde – símbolos de riqueza e confiança; o vermelho da fábrica em fundo cor de prata – símbolo da indústria e o empreendedorismo; o dourado da legenda "Labor", sobre negro, símbolo do amor ao trabalho e ao sacrifício.

Brasão retirado da capa da Monografia de S. J. da Madeira

> FOTOGRAFIA

A quantidade de chaminés das fábricas de São João é de tal forma visival na sua paisagem que vieram a tornar-se um símbolo da cidade

Fotografia do autor



No livro Indústria de *Chapelaria em S. João da Madeira*[4] afirma-se que a produção de chapéus é a primeira atividade industrial que se fixa em São João da Madeira, em meados do século XVIII. A população, na altura, dedicava-se ao fabrico manual, caseiro ou de pequena oficina, de grandes chapéus sombreiros, grossos, de lã, usados pelos alentejanos e dos chapelinhos de aba revirada, minúscula ou de testo.

Já em *São João da Madeira – Cidade do Trabalho*[5], que também faz referência à indústria chapeleira, se afirma que o mais antigo domínio de atividade económica sanjoanense conhecido seria, sem qualquer sombra de dúvida, o calçado. Para o comprovar, faz referência a um documento que refere a existência de um enfiteuta sapateiro, que lá exercia o seu tradicional ofício. "*E tratando-se como se trata de um artesão de calçado, o facto de se nomear a sua profissão distingui-o não como simples aprendiz na arte mas como mestre oficial sapateiro.*"

Independentemente de qual destes ramos industriais tenha sido o primeiro a chegar à "*cidade do trabalho*", foi graças ao "*espírito empreendedor*" e a um "*grau de orgulho que traçou e delineou a trajetória do seu futuro prometedor*"[6] que a atividade industrial se instalou em São João da Madeira, no séc. XIX. Isto originou um aglomerado populacional e "*uma evolução contínua de progresso económico, que tem influência importante no nível de vida da população*".[7]



"São duas forças que se conjugam, a chapelaria e a sapataria, vencendo esta, em número de oficinas, e aquela na segurança e antiguidade das suas casas."

^ CITAÇÃO
Retirado da Monografia de São João da Madeira

» CITAÇÃO
Retirado do Museu da Chapelaria

> IMAGEM
Rótulo para caixa de chapéus da marca Águia da fábrica Vieira Araújo & Cª. Lda
© Viarco

» FOTOGRAFIA (PÁG. SEGUINTE)
Fotografia da paisagem Sanjoanense com destaque à torre da Oliva (atual Welcome Centre do Turismo Indústrial)
Fotografia do autor

É durante esta época que surge um número significativo de fábricas que projetaram a cidade a nível nacional:

A INDÚSTRIA SAPATEIRA:
A indústria do calçado tem mantido, até aos dias de hoje, um ritmo constante no seu desenvolvimento. Um dos principais fatores que, para isso contribuiu, foi o facto de, no início do século XX, não ser necessário um capital demasiado elevado para a compra de maquinaria. Outro aspeto importante foi a fácil adaptação de qualquer casa em oficina. Durante os anos 40 e 50, poucas eram as ruas onde não se encontrava uma ou mais oficinas de sapataria.

A EMPRESA INDUSTRIAL DE CHAPELARIA, LDA. dedicou-se ao fabrico de calçado de borracha, com a marca "SANJO" – abreviatura de Sanjoanense – e com a qual conquistou o mercado nacional, tanto continental como ultramarino.
(É de salientar que esta empresa também investiu na área da chapelaria.)

A partir dos anos 80, depois de ter sido elevada a cidade, São João da Madeira ficou conhecida, em Portugal, como a "Capital do Calçado".

"(...) Traz-se à luz do dia a máquina gasta pelo tempo e a memória de quem nela trabalhou, tal como é recordada, sentida e dita. & por isso também, quem um dia pacientemente nos ensinou, explicar-lhe-á hoje, com a mesma devoção, como era ser chapeleiro, como funcionava a máquina e como se fazia um chapéu."

A INDÚSTRIA CHAPELEIRA:
Nesta indústria, a matéria-prima era, essencialmente, a lã e o pelo. A produção de chapéus destinava-se, de início, ao mercado interno tendo eventualmente começado a exportar para quase toda a Europa.

A EMPRESA INDUSTRIAL DE CHAPELARIA, LDA foi, no seu apogeu, a maior fábrica da Península Ibérica, com instalações completas para o fabrico de chapéus, desde o tratamento dos feltros aos acabamentos. (Como já foi referido, esta empresa também se dedicou ao fabrico de calçado).

Outra fábrica de chapéus muito importante, que também se dedicou ao fabrico de calçado, foi a TRIUNFO, com a marca "ENFIM".

Atualmente, o Museu da Chapelaria permite-nos ver todo o processo de elaboração dos vários géneros de chapéus criados nas indústrias chapeleiras sanjoanenses. Desde 2005, este museu é um dos maiores símbolos culturais da cidade e único na Península Ibérica.





A INDÚSTRIA METALÚRGICA:

A fundição data de 1925, aquando da criação das Oficinas Metalúrgicas "OLIVA". As oficinas da mais conhecida serralharia de mecânica e fundição, em Portugal, com o nome de OLIVEIRA, FILHOS & C. LDA., começaram a laborar num único edifício. No entanto, rapidamente se desenvolveram, pois poucos anos dmais tarde, em 1929, com o nome de A. J. OLIVEIRA E C. LDA., já ocupavam 10 pavilhões, distribuídos por uma área de 2.000 m2 . No seu apogeu, a empresa chegou a ter mais de três mil funcionários provenientes, em grande parte, das freguesias vizinhas.

A fundição, embora notabilizada pelos seus fogões de cozinha, pelas salamandras e torneiras de ferro fundido, deve o seu principal símbolo iconográfico à máquina de costura. Apesar de só em 1948 ter iniciado o fabrico das máquinas OLIVA, esse é o símbolo que permanece no imaginário português até aos dias de hoje.

Foi uma empresa inovadora, que apostou em conceitos na época pouco explorados em Portugal, como é o caso do marketing. No entanto, em 2010, 85 anos após o seu início de atividade, a OLIVA fecha definitivamente as suas portas. Este encerramento foi visto como uma oportunidade de desenvolvimento para a cidade e, por isso, nas antigas oficinas, temos agora a OLIVA CREATIVE FACTORY – um projeto que visa as indústrias criativas. O próprio edifício principal – exemplo da arquitetura típica dos anos 50 – e a sua torre transformaram-se na sede do TURISMO INDÚSTRIAL DE SÃO JOÃO DA MADEIRA.

A fundição original, essa, deixou-nos o legado de uma marca portuguesa, fortíssima, entre os anos 30 e 50 do século XX, que permanece na memória dos portugueses e faz parte do fenómeno de revivalismo de antigas marcas nacionais.

CITAÇÃO

Retirado do livro Oliva: Memórias de uma Marca Portuguesa

"Estas marcas têm assumido, sem preconceitos, a sua origem e a sua história, não sendo perceptível a influência de complexas estratégias de marketing nem o atual e sofisticado design de embalagens. Conseguem, desta forma, recuperar memórias junto de antigos clientes e contagiar gerações mais novas, graças aos elementos simbólicos e afectivos que veiculam. A Oliva, com a sua notável e reconhecida organização interna ao nível dos serviços e das áreas produtivas, possuía igualmente a metodologia do arquivo e preservação de documentos."

"Estes projetos enquadram-se numa estratégia de desenvolvimento que acredita no poder da criatividade e da inovação e na importância de criar riqueza para colocar ao serviço das pessoas".

CITAÇÃO

Retirado do capítulo de M. Castro Almeida no livro "Oliva: Memórias de uma Marca Portuguesa"

CARTAZ

publicidade da época do Estado Novo para os chapéus "Joanino" e sapatos "Sanjo"



Com efeito, graças à sua dedicação e empenho, os Sanjoanenses foram capazes de criar uma história de sucesso. O espírito inovador da cidade permite-lhe continuar a afirmar-se, até aos dias de hoje, como um centro industrial do país.

Desde 2012, a cidade partilha o seu património com Portugal e com o mundo. Assim nasceram os "CIRCUITOS PELO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DE S. JOÃO DA MADEIRA" – um projeto que tem por objetivo não só divulgar o que de melhor se faz na indústria sanjoanense, como também preservar a memória do que já se fez.

No âmbito deste programa, fábricas abrem as suas portas a todos os visitantes que queiram, através de uma viagem pelas suas principais empresas, conhecer a história de uma cidade que cresceu com a industrialização.

Deste circuito, faz parte o Museu da Chapelaria que ocupa um espaço onde, durante décadas, se produziram todo o tipo de chapéus. Aí, recuando no tempo até "*uma época em que ninguém saía à rua sem chapéu*"[8], podemos descobrir o modo como viviam os trabalhadores desta indústria.

Integram ainda este projeto, várias empresas que revelam o modo de fabrico dos seus produtos. Dessa lista, fazem parte: a CORTADORIA NACIONAL DE PELO – que se dedica à transformação do pelo animal, desde a sua separação da pele até à venda, para posterior utilização na chapelaria ou vestuário; a HELIOTEXTIL – que revela como de uma teia de fios nascem peças únicas; a HELSAR – que mostra todo o processo de criação de calçado feminino de alta qualidade e conta com uma sala museu onde expõe os melhores modelos de calçado desde 1979; a EVERESTE – que se dedica ao calçado masculino e onde é possível ver todo o processo da criação do sapato, desde o desenho criativo até ao embalamento; a FEPSA – uma das fábricas líder de produção de feltros para chapéus, que mostra as diversas fases da confeção, desde a enformação ao acabamento; por fim, a VIARCO – única fábrica de lápis da Península Ibérica, que dá a conhecer todo o processo de produção do seu artigo.

A VIARCO, enquanto património português, não podia deixar de integrar este programa. O visitante pode visualizar todo o processo de fabrico deste instrumento de escrito que tem acompanhado a vida de muitas gerações.

O INDUSTRIAL

> FOTOGRAFIA

Rua Guerra Junqueiro,
São João da Madeira
O edifício que se vê do lado direito
é onde começou a Vieira Araújo
& Companhia, hoje faz parte do
edifício da Viarco

Fotografia do espólio de Carlos Costa



“Consta que por ter o mesmo nome do pai e por haver na terra muitos homens de nome igual, decidiu alterar o seu nome de batismo, adotando o apelido da mãe. Aos 20 anos, Manoel Pais Vieira passa, então, a identificar-se como Manoel Vieira Araújo.”

< CITAÇÃO

Transcrita a partir de uma frase da Exposição Vieira Araújo: O Homem e o Empresário, no museu da Chapelaria.

< FOTOGRAFIA

Manoel Vieira Araújo

Retrato no escritório que faz parte do museu da Viarco

O industrial da chapelaria, conhecido por quase todos os sanjoanenses, que marcou a cidade não só a nível económico mas também político e social, Manoel Vieira Araújo, nasce em São João da Madeira no dia 6 de outubro em 1887.

Filho de Manoel Pais Vieira e Maria Emília Araújo, Manoel Pais Vieira aprendeu a arte de chapelaria, em parte, graças ao seu pai que também tinha sido chapeleiro. Desde cedo, com 8 anos, começa a trabalhar na fábrica Oliveira & Palmares. Com 10 anos decide, embora continuando a trabalhar, iniciar os seus estudos com o mestre local.

Por volta dos 30 anos, é convidado a participar, como sócio minoritário, da firma SOARES SILVA. Assim, a empresa passa a denominar-se SOARES SILVA E ARAÚJO, LDA. No entanto, pouco tempo depois, devido a desentendimentos, abandona a sociedade.

Nessa altura, com todos os problemas económicos gerados pela Iª Guerra Mundial, Manoel Vieira Araújo, pai de 5 filhos e único sustento da família, vê-se a passar grandes dificuldades. É neste contexto que, em 1919, aos 32 anos, juntamente com o seu cunhado Alfredo Gomes de Bastos, cria a empresa “VIEIRA ARAÚJO & COMPANHIA” (que se localizava onde, atualmente, se encontra a sede da Viarco). No início, dedicam-se ao fabrico de chapéus de lã e pelo de coelho – arte de que Manoel tinha conhecimento profundo. Os anos que se seguiram foram bastante complicados – atravessando a cidade um período de crise no sector da chapelaria. Tal como no resto do mundo, a sair da primeira Grande Guerra, o chapéu começa a cair em desuso. No entanto, Manoel Vieira Araújo é um homem empreendedor e consegue vencer as adversidades tornando-se, na década de 1930-40, uma das mais importantes empresas no sector da chapelaria.



O empresário não tarda a diversificar os ramos da empresa. Ao adquirir a FÁBRICA PORTUGUESA DE LÁPIS – que traz de Vila do Conde para São João da Madeira – passa também a dedicar-se ao fabrico de lápis. Uma grande parte do pessoal operário acompanhou a empresa e instalou-se em S. João da Madeira. Relativamente ao desenrolar dos anos seguintes, as fontes divergem. Segundo alguns documentos, correspondem a estratégias para manter os empregos do pessoal da fábrica. No entanto, outras referências indicam que o objetivo de Manoel Vieira Araújo era diversificar a atividade da empresa.

Em 1941, passou a dedicar-se ao fabrico de calçado, fundando a fábrica de Calçado Sagres e, em 1948, ao fabrico de camisas, adquirindo o alvará para o fabrico de camisas. Nesta altura, a fábrica (uma das maiores de S. João da Madeira) passa a ter um estatuto de relevo e torna-se uma empresa de referência.

Nos anos 60, aparecem no mercado as primeiras esferográficas que viriam pôr em causa o mercado dos lápis e das canetas de madeira com aparo (que por esta altura já teriam entrado em desuso). Manoel Vieira Araújo compra, então, um alvará de plásticos e envia Rui Soares da Silva para a Suíça, a fim de estudar o fabrico dos plásticos. Quando regressa a Portugal, colocando em prática os novos conhecimentos, inicia a produção de esferográficas.

Manoel Vieira Araújo deixa, ainda, um importante legado na vida política de São João da Madeira, ao tornar-se, em 1954, o quarto Presidente da Câmara Municipal. Em 1962, deixa o cargo de presidente da autarquia afirmando o seu desejo de viver tranquilo. Após a sua morte, a 9 de janeiro de 1973, os seus filhos assumem a continuidade e mantêm vivo o nome Vieira Araújo.



"(...) as suas aptidões em matéria de relações humanas, que lhe permitiam à-vontade tanto diante do ministro ou do político influente como do cidadão comum ou do mais humilde servidor, aliadas a uma independência e disponibilidade notórias, iriam ser de extrema utilidade para a Santa Casa. (...) Na dupla qualidade de Presidente da Câmara e Membro da Mesa contribuiu para a construção do novo Hospital, ajudando a vencer incompreensões e barreiras que limitavam as legítimas aspirações de dimensionamento da obra que todos os sanjoanenses desejavam levar a cabo."

< CARIMBO
Carimbo original da empresa Vieira Araújo e Companhia
imagem invertida
© Viarco

« IMAGEM
Brochura do Passeio de Confraternização do Pessoal da Firma
Impresso em 1956



< IMAGEM

Pormenor de estudo original
a lápis de grafite
Estudo para panfleto de Passeio
de Confraternização da Empresa

© Viarco

VIARCO

> FOTOGRAFIA

Rótulo para caixa de lápis

⌄ CITAÇÃO

"Um século, dez lápis,
cem desenhos - Viarco Express"
Livro comemorativo do centenário da
Viarco, publicado em 2009

"(...) a Viarco, empresa agora centenária, que se inscreve na memória pessoal de cada português, e que constitui como um exemplo no seio do tecido empresarial nacional."



São João da Madeira é, para muitos, a capital do calçado e do chapéu. No entanto, desde 1931, é aí que está instalada a única fábrica de lápis da Península Ibérica e, segundo documentação existente nos seus arquivos, uma das mais antigas fábricas do género, ainda em funcionamento, em toda a Europa.

A empresa, que começa a laborar em 1907 com o nome PORTUGALIA, abre falência em 1931 e é adquirida por Manoel Vieira Araújo. A fábrica, originalmente em Vila do Conde, instala-se em São João da Madeira, no ano de 1942 e o empresário traz consigo uma grande parte do pessoal operário.

Os anos que se seguiram foram marcados por sucessivos desenvolvimentos tecnológicos que permitiram aperfeiçoar a qualidade dos lápis. De acordo com algumas brochuras da época, foi aumentada a gama de lápis para a indústria e construção civil. A década de setenta é marcada pelo início da produção de lápis de cera e pela independência da firma VIEIRA ARAÚJO, passando a fábrica e a marca a denominar-se "VIARCO – INDÚSTRIA DE LÁPIS, LDA."

A capacidade de produção dos países asiáticos monopoliza hoje o mercado, deixando empresas como a VIARCO encomendas com quantidades menores. Assim, em 2011, após ter passado por uma situação financeira difícil (tal como uma grande parte do país, com a entrada dos mercados estrangeiros), a VIARCO é adquirida pelo bisneto de Vieira Araújo – José Vieira – e sua esposa, Ana. A crise financeira da VIARCO ocorre porque, em 2008, perde um dos seus mais importantes clientes, uma cadeia de distribuição, responsável por 35% da produção da fábrica. As encomendas que se mantiveram não eram suficientes para assegurar a sobrevivência da empresa, com a situação insustentável o encerramento é considerado – fecho da empresa permitiria pagar aos fornecedores e, assim, evitar que estes entrassem em situação de falência. Os atuais proprietários, acreditando que a fábrica era um mundo de oportunidades por explorar, e vendo que os restantes membros da família estavam prontos para encerrar as portas, decidiram tomar conta da fábrica. Foram necessárias inúmeras alterações, desde a alteração do slogan típico - "Regresso às aulas" – à implementação de novos produtos e estratégias.

Os produtos tradicionais, tais como os lápis escolares, de cor ou de carpinteiro, continuam a ser produzidos. No entanto, nos últimos anos, a Viarco tem vindo a liderar na área de produtos de arte e design. Um dos mais aclamados novos produtos da Viarco é a barra de grafite aguarelável ArtGraf, desenvolvida como um meio de registo que permitisse intervir em grandes superfícies, desde o papel às paredes. Esta barra de 250 gramas >



"O lápis Olímpico 291 da Viarco,
o famoso Lápis azul também pode
criar em vez de destruir, expressar
e não reprimir livremente.
Só precisa de estar nas mãos certas."



é produzida inteiramente com maquinaria do séc. XIX, e alia as características da grafite sólida às da grafite diluível sem perder as suas propriedades. Tornou-se, então, uma inovação mundial e teve imediatamente excelente aceitação na comunidade artística e por isso mesmo apresenta um enorme potencial de exportação.

Para a comemoração dos 40 anos do 25 de abril, a empresa realizou uma exposição intitulada "Traços para a Liberdade". Para o efeito, foi pedido ao ilustrador Ricardo Figueira que retratasse três personalidades da revolução – Humberto Delgado, Salgueiro Maia e Zeca Afonso. Para realizar esta obra, o artista usou um lápis específico da Viarco – o "Olímpico 291". Este lápis, criado para uso profissional, ficou conhecido, na história da democracia portuguesa, como o "lápis azul". Com ele, a censura ditava o que podia ou não ser publicado, riscando textos ou imagens presumivelmente perigosos para o regime. Agora, com estas ilustrações, pretendia-se demonstrar que o mesmo lápis tanto pode ter o poder de destruir, como de criar – apenas tem que estar nas mãos certas.

< CITAÇÃO
Retirada do vídeo "Traços da Liberdade" feito pela Viarco para a exposição com o mesmo nome

< FOTOGRAFIA
Embalagens individuais de tipos de lápis variados
Fotografia do autor

« FOTOGRAFIA (PÁG. ANTERIOR)
Antigo trabalhador da Viarco na zona da mina
Fotografia cedida pelo Sr. Viriato

FOTOGRAFIA

Embalagem de lápis de pastel

Ref: 107

Fotografia do autor

RÓTULOS

Rótulos para embalagem

Tamanho real

© Viarco













< FOTOGRAFIA

ArtGraf XL

Barra de grafite aguarelável

Fotografia do autor







< BROCHURA

Brochura da Vieira Araújo & Companhia Lda

Imagem à esquerda, mostra a frente e o verso da brochura

Imagem acima, mostra o interior

© Viarco





« ILUSTRAÇÃO (PÁG. ANTERIOR)

Estudo para catálogo de lápis

© Viarco

< RÓTULO

Estudo para caixa de lápis nº 2

© Viarco

˅< RÓTULO

Estudo para caixa de lápis Lusito

© Viarco

˅ CAIXA PLANIFICADA

Tampa para caixa de lápis

© Viarco





> IMAGENS

Postal/Horário publicitário
da Viarco para os estudantes
Frente e Verso
© Viarco

» RÓTULO

Estudo original
para caixa de lápis
© Viarco









< CARTAZ

Cartaz publicitário do chapéu e lápis Viarco

Reprodução do estudo original

Fotografia do autor

A FÁBRICA QUE É MUSEU

"Tenho uma empresa que é única no nosso país, que detém um património único e que pode ser muito importante para aquela que é a nossa produção cultural."

‹ CITAÇÃO
José Vieira em entrevista para o Jornal Expresso
Outubro de 2015

› FOTOGRAFIA
Letreiro pendurado acima da porta da entrada a fábrica





Na VIARCO – museu vivo do lápis – existem, à espera de serem descobertas pelos visitantes, autênticas preciosidades que espreitam de dentro do mobiliário tipicamente português dos anos quarenta. No escritório, encontramos os fundadores da fábrica que ainda veem a empresa através das fotografias, em molduras ovais. Há uma clara tentativa de manter a sala com seu aspeto original e vivencia-se o clima do início da revolução industrial, nítido até mesmo nos trilhos do aquecimento e nas máquinas a vapor (que ainda funcionam). As diferenças, relativamente à fase inaugural, limitam-se ao mínimo – máquinas de escrever substituídas por computadores e iluminação mais adequada ao século atual.

"A marca deixou de ser uma unidade industrial pura e dura para passar a ter também um papel cultural e pedagógico, pelo seu incentivo à criação artística e pela preservação que faz de um património industrial único, que resistiu à automação."



« CITAÇÃO (PÁG. ANTERIOR)
José Vieira para o
jornal "O Público"

« FOTOGRAFIA (PÁG. ANTERIOR)
Escritório original da fábrica
Fotografia do autor

» ILUSTRAÇÕES
Serie de ilustrações utilizadas
na frente das embalagens
de 12 lápis de cor

A viagem pela fábrica começa na mina – sala que se distingue pela negrura – onde a grafite pura impregna de tal forma as paredes e janelas que toda a sala parece ser uma caverna iluminada pela pouca luz que consegue filtrar. Neste espaço, é visível todo o processo da criação das minas do lápis.

Segue-se a sala da "arredondagem" onde o "*cheiro do lápis*" já se começa a sentir. É aqui que as madeiras, que vão dar a forma ao lápis, são cortadas.

Daí, somos então conduzidos para os acabamentos onde os lápis são envernizados e cuidadosamente embalados. "*Cuidadosamente*" porque cada lápis é quase polido à mão antes de ser colocado na sua caixa. Só então seguirá para as lojas.



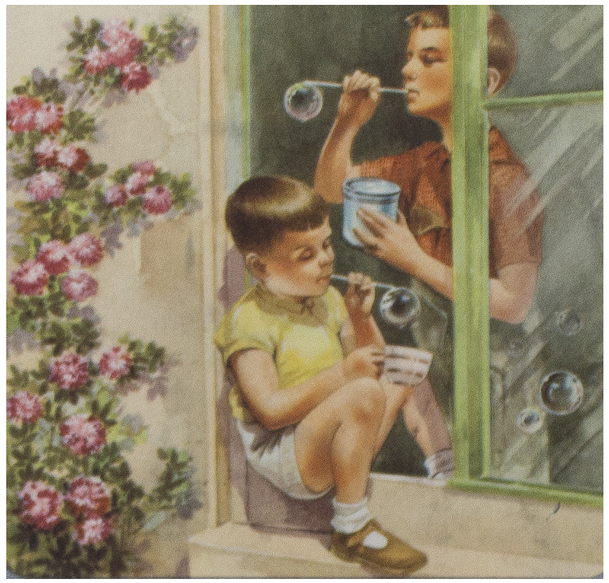














Embora a fábrica faça lápis todos os dias, há alguns processos (como a colagem) que não se realizam diariamente pelo que nem todos os visitantes os poderão ver.

Finalmente, terminamos a visita na sala museu, onde podemos admirar algumas embalagens únicas, dos anos dourados da VIARCO. Acessível ao público, está também uma pequena sala que, outrora, terá sido o escritório de Manoel Vieira Araújo e se preserva, até hoje. Aí estão, por exemplo, o reclame luminoso da década de 30, época em que se acendeu o slogan "*Viarco - O lápis que glorifica a indústria nacional*". Os armários estão cheios de fotolitos e placas para gravar os lápis, com os mais variadíssimos desenhos, e de letreiros para os inúmeros clientes.

O espólio de embalagens e rótulos, com uma qualidade gráfica excecional, também se encontra "religiosamente" protegido no escritório da empresa. Alguns exemplares, apresentados ao longo das páginas seguintes, são a imagem de uma indústria que aceitou a modernização sem esquecer de preservar o seu passado.

Este trabalho de compilação e categorização da coleção pretende, de algum modo, contribuir para o futuro da arqueologia industrial portuguesa. O facto de termos tido acesso à Fábrica de Lápis Portuguesa – Viarco, permitiu uma recolha aprofundada do seu espólio gráfico. No entanto, tal como muitas empresas antigas, as várias crises financeiras por que passou levou a que muito do seu espólio se tenha perdido. Parte dos rótulos, atualmente guardados nos armários do escritório da fábrica, encontram-se compilados num livro de dimensões A2, em papel craft. Uma outra porção do espólio foi conseguida através do centro de memória de Vila do Conde que mantem em exposição permanente sobre arqueologia industrial da cidade. Conseguiu-se ainda algumas fotografias por intermédio de antigos trabalhadores – como é o caso do Senhor Viriato que lá trabalhou durante 21 anos – ou de documentadores fotográficos da cidade – tal como o Senhor Carlos Costa.

< IMAGENS

Ilustrações utilizadas
em embalagens de 12 lápis de cor
Eram vendidas nos anos 30
Embalagens restauradas para venda nas lojas "A Vida Portuguesa"

> IMAGENS

Ilustrações utilizadas
em embalagens de 6 lápis de cor







> RÓTULO

Rótulo para caixa de canetas Nº 10
Quantidade: 1/2 grosa
Dimensões: 12,20 x 7,90 cm



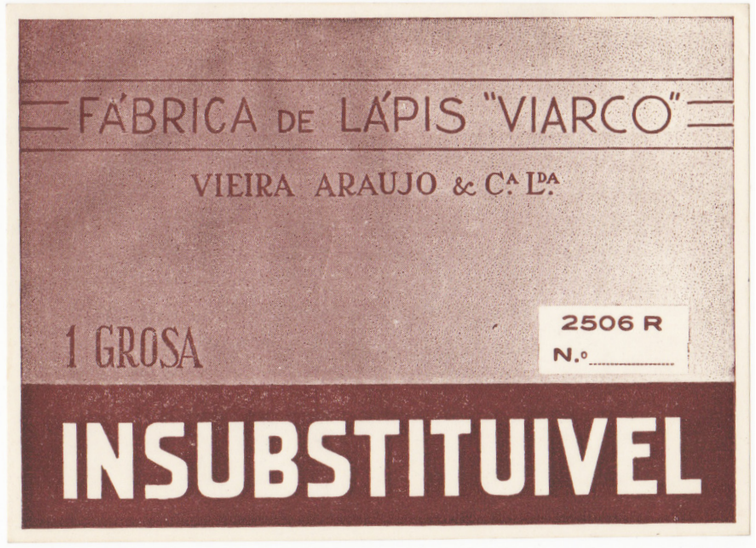
> RÓTULO

Rótulo para caixa de aparos Nº 62
Quantidade: 1 grosa
Dimensões: 13,60 x 5,85 cm



> RÓTULO NA CAIXA

Rótulo para caixa de aparos Nº 10
Quantidade: 1 grosa
Várias Cores





< RÓTULO

Rótulo para caixa
Quantidade: 1 grosa
Dimensões: 6,50 x 12,90 cm
Ref: 2506

< RÓTULO

Rótulo para caixa (com nome da Companhia Vieira Araújo)
Quantidade: 1 grosa
Dimensões: 8,40 x 12 cm
Ref: 2506 R

< RÓTULO

Rótulo para caixa de aparos Nº 10
Quantidade: 1 grosa
Ref: 540

> CAIXA INDIVIDUAL

Estojo para lápis

Dimensões: 16,50 x 2,50 cm

Versão: Frente e Verso



˅ RÓTULO

Rótulo para molho de lápis

Dimensões: 12,10 x 8,50 cm

Ref: 136

˅> FOTOGRAFIA

Rótulo para molho de lápis

Fotografia do autor







< RÓTULO

Rótulo para lápis rosa







« CAIXA

Caixa para lápis 605 "Favorito"

Quantidade: 1/2 grosa

Ref: 594

‹ CAIXA

Caixa para minas de grafite

Comercializadas na década de 40

Dimensões: 135 x 8 x 30 mm



> CAIXA

Caixa de lápis 298 "Comercial
Comercializada no final de 70
Quantidade: 1/2 grosa
Impressão: Controle Gráfico
Ref: 87 - 4000



> CAIXA

Caixa para lápis 288 "Comercial"
Quantidade: 1/2 grosa
Ref: 49

> CAIXA ABERTA

Caixa para guardar pequenas caixas
de 1 dúzia de lápis (cada)
Lápis 286A "Comercial" Amarelo
Quantidade: 6 caixas, 1/2 grosa
Ref: 84



» RÓTULOS (PÁG. SEGUINTE)

Rótulos para as embalagens
de 1/4 grosa






FÁBRICA DE LÁPIS
Viarco
CASTILHO
INDUSTRIA
NACIONAL
VIEIRA ARAUJO & Cª., Lda.
S. JOÃO DA MADEIRA
PORTUGAL
Nº 35

A


FÁBRICA DE LÁPIS
Viarco
CASTILHO
INDUSTRIA
NACIONAL
VIEIRA ARAUJO & Cª., Lda.
S. JOÃO DA MADEIRA
PORTUGAL
Nº 64

C


1 DUZIA
FÁBRICA DE LÁPIS
Viarco
CASTILHO
901 CÓPIA
DURO
Nº 36

B


1 DUZIA
FÁBRICA DE LÁPIS
Viarco
CASTILHO
902 CÓPIA
VIOLETA
Nº 65

D





« RÓTULOS (PÁGS. ANTERIORES)

Rótulos para lápis "Castilho"
Imagens A e C p/ caixa de grosa
Imagens B e D p/ caixas de 12 lápis

> CAIXA

Caixa de lápis de desenho (grafite)
Comercializada na década de 50
Quantidade: 1 grosa

> CAIXA

Caixa de lápis de desenho 3500
Quantidade: 1/2 grosa

> CAIXAS

Caixa para guardar pequenas caixas de 1 dúzia de lápis (cada)
Lápis 3000 nº2 de desenho
Quantidade: 6 caixas, 1/2 grosa



› CAIXA PEQUENA

Caixa de lápis de cópia 274 Verde

Impressão: Controle Gráfico

ˇ CAIXA

Caixa de lápis de cópia 274 Verde

Utilizada na década de 50

Quantidade: 1/2 grosa

Impressão: Controle Gráfico





ˇ CAIXA

Caixa de lápis de desenho "Maviar"

Comercializada na década de 50

Quantidade: 1 grosa

Impressão: Controle Gráfico

Ref: 581

» CAIXA (PÁG. SEGUINTE)

Embalagens para lápis de desenho

2000 nº 2

Fotografia do autor




FÁBRICA DE LÁPIS VIARCO • S. JOÃO DA MADEIRA
Viarco
1 DUZIA DE LÁPIS DE DESENHO
2000
4



PLANIFICAÇÃO

Caixa de lápis de cor
Comercializada na década de 40
Quantidade: 6 lápis
Impressão: Lito Maia - Porto
Dimensão: 47 x 90 x 9 mm
Ref: 301

ILUSTRAÇÃO

Embalagem semelhante à anterior
Versão de 12 lápis
Embalagens reeditadas pelas lojas "A Vida Portuguesa"
Ref: 300

ILUSTRAÇÕES

Ilustrações utilizadas em caixas de 12 lápis de cor
Comercializadas entre 1940 e 60









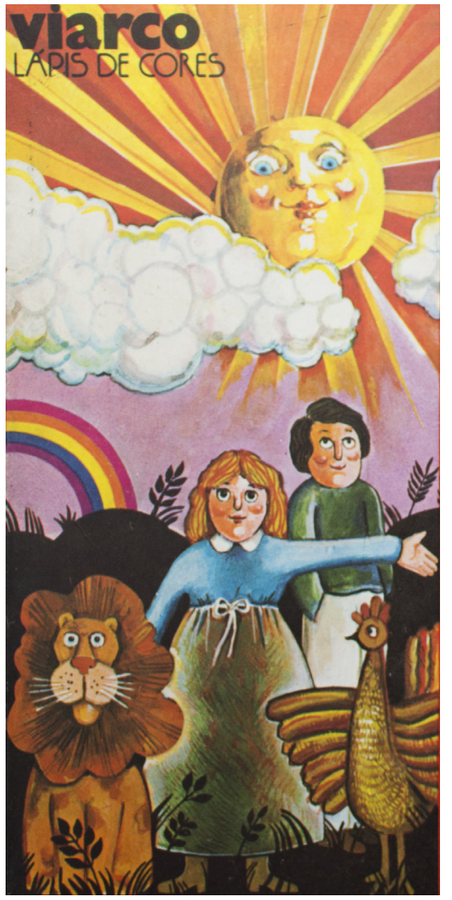
>^ EMBALAGEM
Caixa de lápis de cor
Quantidade: 6 lápis

> ILUSTRAÇÃO
Embalagem semelhante à anterior
Versão de 24 lápis

» ILUSTRAÇÕES (PÁG. SEGUINTE)
Ilustrações utilizadas em caixas
de 12 lápis de cor
Comercializadas entre 1940 e 60
Impressão: Lito Maia - Porto
Ref: 5012 / 1976









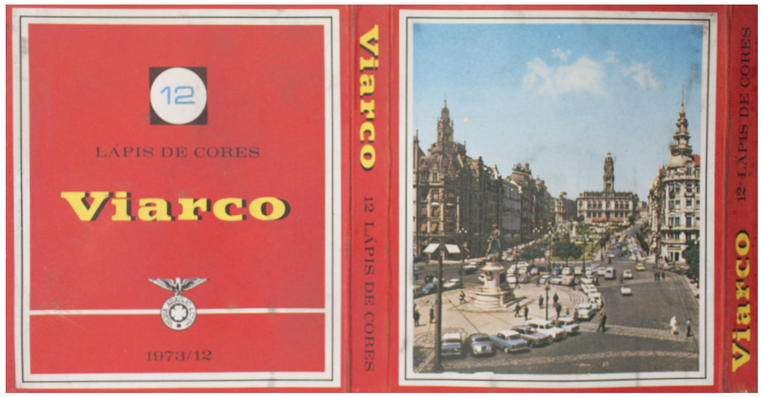
> EMBALAGEM
Caixa de lápis de cera
Quantidade: 6 lápis

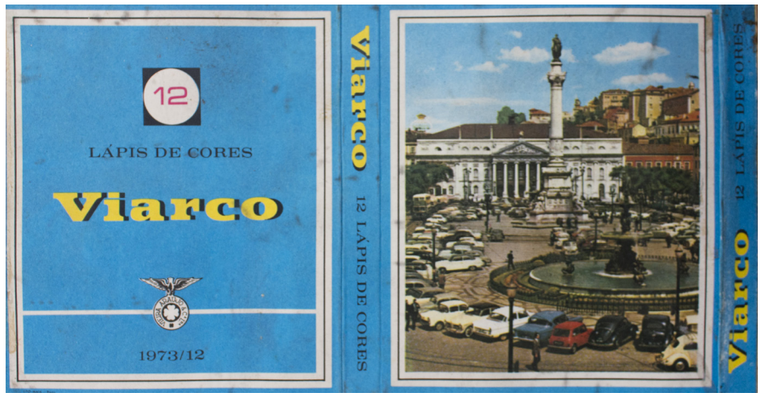


> EMBALAGEM
Caixa de lápis de cera
Quantidade: 12

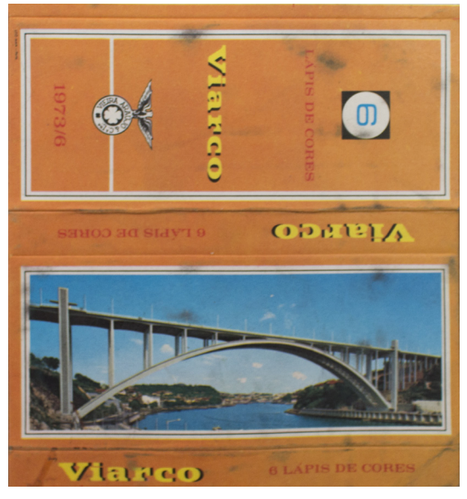


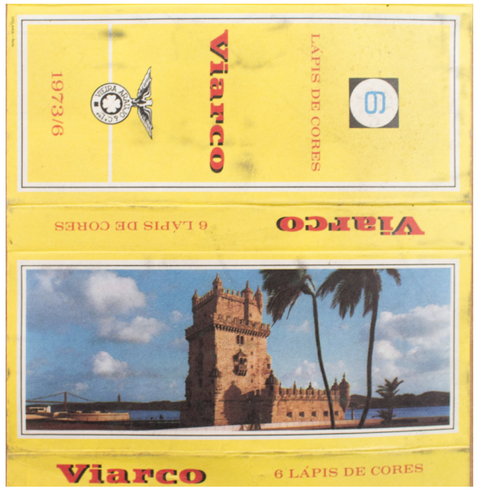
> ⌄ EMBALAGEM
Caixa de lápis de cor
Quantidade: 12



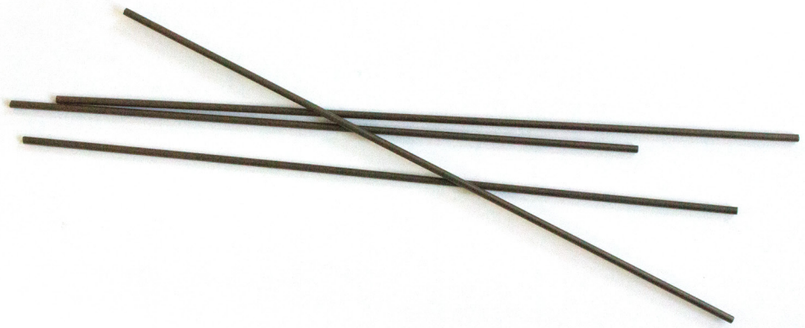


< EMBALAGENS
Planificações de série de embalagens com gravuras de postais portugueses
Circa 1973





DA COR AO LÁPIS



A



B



C



D



E



C

A
Minas de grafite

B
Placa de madeira de cedro

C
Placa de madeira já cortada, com as minas nas ranhuras, pronta para ser colada

D
"Sandwiche" cortada para lápis de formato redondo

E
"Sandwiche" cortada dos dois lados para lápis de formato hexagonal

F
Lápis final

Os produtos da VIARCO continuam, hoje em dia, a ser fabricados através de métodos tradicionais. Um dos motivos de orgulho dos atuais proprietários é o facto de se servirem das mesmas máquinas que utilizaram aquando da inauguração, em 1907, com o nome PORTUGALIA.

A grafite e a madeira são importadas da Alemanha e dos Estados Unidos da América, respetivamente. A manufatura do lápis, essa, é inteiramente portuguesa. No entanto, a grafite já não é produzida com a pureza necessária para manter a qualidade centenária das minas. Quanto à madeira, segundo um antigo trabalhador da VIARCO, tentou-se substituir o cedro (pouco abundante em Portugal) por pinho (mais comum no nosso país), mas a experiência não resultou porque as máquinas não a conseguiam cortar com a mesma precisão. Assim, pouco tempo depois, voltou-se a utilizar a madeira de cedro importado da Califórnia.

Uma vez terminado o processo de fabrico, todos os lápis, antes de empacotados, são submetidos a uma verificação final para certificar os padrões de qualidade exigidos pelo cliente.

"O edifício da fabrica (...) tem machinismo tão aperfeiçoado, que pode abastecer os mercados do paiz, do Brazil e das nossas colónias."

O embalamento continua a ser um processo manual que constitui a imagem de marca da VIARCO e é devidamente valorizada nas visitas guiadas.

A administração da fábrica teima em resistir ao tempo, contrariando a tendência de mecanizar o processo. Não só conserva as máquinas primitivas – autenticas relíquias da industrialização tardia portuguesa – como preserva o saber e a qualidade da mão-de-obra.

FABRICO DAS MINAS

Já nos anos 90, uma brochura/catálogo da VIARCO referia a frase (de autor desconhecido): "Se a mina é a alma do lápis, a madeira é o seu corpo". Por esta frase, entende-se que embora a qualidade da madeira seja determinante para o lápis cumprir eficazmente a sua função, é a mina que lhe dá o ser e determina, em grande parte, a sua qualidade.

A grafite é o material essencial para as minas e a VIARCO é detentora de uma mina. No entanto, como a grafite de lá extraída já não tem a pureza de outrora, a empresa vê-se obrigada a importá-la da Alemanha.

O processo de produção das minas de grafite, utilizadas nos lápis de desenho, consiste na produção, com recurso a um moinho cerâmico, de uma massa homogénea, à base de grafite, argila e água. As percentagens dos diferentes componentes depende da graduação do lápis – H, HB ou B.

Para as minas de cor, o processo é ligeiramente diferente: mistura-se caulino, tilose, água e pigmentos escolhidos em função da cor pretendida.

A massa obtida é retirada do moinho e colocada em sacos, que serão introduzidos numa estufa (para lhe ser retirada uma grande parte da água) e de que resultará uma pedra de argila e grafite. Esta pedra, uma vez triturada em pequenos grãos, é introduzida em rolos compressores para eliminar qualquer impureza.



< GRAFITE PURA
Sacos de grafite pura vinda da Alemanha são abertos e misturados com água no moinho, de acordo com a graduação da mina desejada
Fotografia do autor

˅ MOINHO
Moinho onde é feita a mistura da água e da grafite
Fotografia do autor

« CITAÇÃO (PÁG. ANTERIOR)
Jornal "Comercio de Villa do Conde"
Vila do Conde, 11 Outubro 1908 –Nº 99

« FOTOGRAFIA (PÁG. ANTERIOR)
Minas para lápis de cor azul
Fotografia do autor

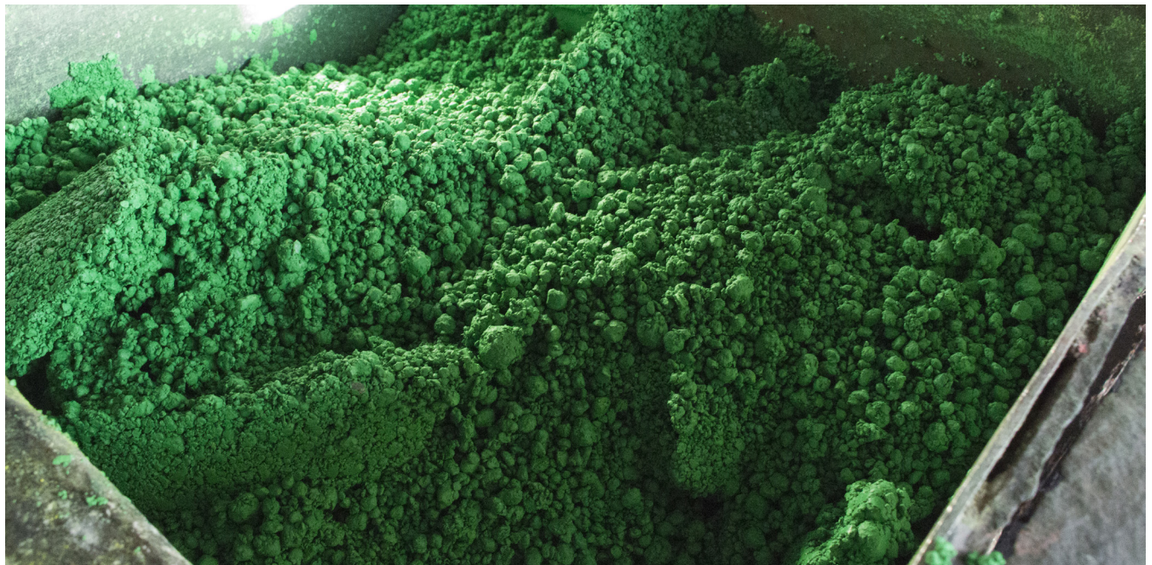
O produto triturado é, então, novamente compactado com a ajuda de um martelo pilão e forma uma pedra maciça de grafite. Posteriormente, essa pedra é colocada numa prensa que a transforma em "fios" de mina, com a espessura desejada para o lápis. Estes "fios" são cortados à medida pretendida para o lápis, colocados numa máquina que lhes retira a pouca água que ainda têm e, em seguida, cozidos num forno a 1.020ºC (esta última etapa não se aplica às minas de cor).

Para terminar o processo, as minas de grafite são embebidas com gordura para se tornarem resistentes, macias e passíveis de serem apagadas depois de se escrever. As minas de cor, por sua vez, são impregnadas com estearina e outras ceras.

Após todo este processo, as minas passam para a outra fase do fabrico, onde o lápis começa a ganhar forma.

^< MINAS
Minas para lápis de cor (laranja), prontas para serem cortadas à medida das tábuas
Fotografia do autor





<< MINAS NA FASE DE CORTE
Minas a serem cortadas à medida
Fotografia do autor

< PRODUTO SAÍDO DO MOINHO
Massa retirada do moinho, este produto é colocado no martelo que irá comprimir a massa numa pedra
Fotografia do autor

SANDWICH

Como foi referido anteriormente, para fazer um lápis, não basta a grafite. A mina tem que ser protegida por madeira bastante resistente – cedro da Califórnia, no caso da Viarco. Na madeira, debitada em pequenas tábuas, são feitas 9 ranhuras (a todo o comprimento) onde se colocam as minas. Após a aplicação de cola de madeira, sobrepõe-se outra tábua àquela que contém as minas – processo a que, de forma simplista, chamam de "sandwich". Várias destas "sandwiches" são colocadas numa prensa onde permanecem durante 24 horas, para secar (este passo assegura que o lápis não se abra a meio durante a sua utilização).



> TÁBUAS

As tábuas já chegam à Viarco no tamanho desejado e em seguida são colocadas numa máquina que irá criar os veios (como se vê na imagem) onde serão colocadas as minas

Fotografia do autor

> TÁBUAS CORTADAS

Na imagem vêem-se as tábuas após terem passado pelas serras que fazem 9 veios por cada, para serem colocadas as minas

Fotografia do autor



> COLAGEM

As tábuas são colocadas numa estrutura metálica que as mantém juntas, enquanto é passada cola de alto a baixo

Fotografia do autor



>^ COLOCAÇÃO DAS MINAS

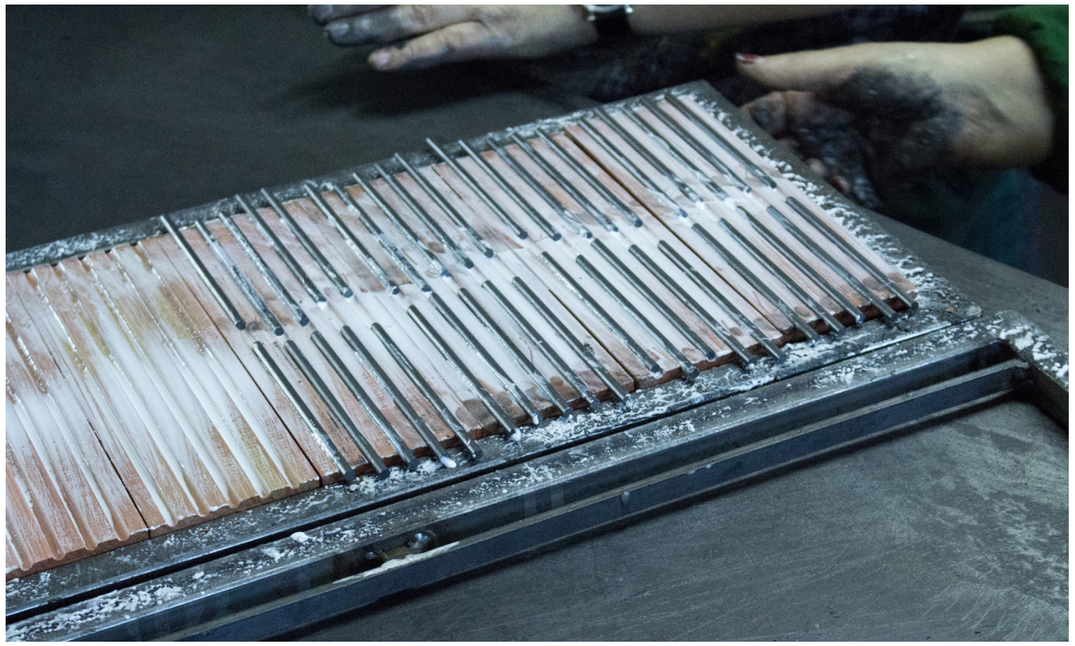
Após a cola são colocadas as minas nos veios cortados previamente

Fotografia do autor

» PRENSA

Com as minas no sítio, são colocadas tábuas por cima de forma a fazer a demominada "sandwiche", e são retiradas da moldura metálica e colocadas numa prensa, onde ficarão a secar durante 24 horas

Fotografia do autor





ARREDONDAGEM E ACABAMENTO

» SANDWICHES

Depois das 24 horas de secagem, as "sandwiches" estão prontas para se separarem os 9 lápis de cada uma delas

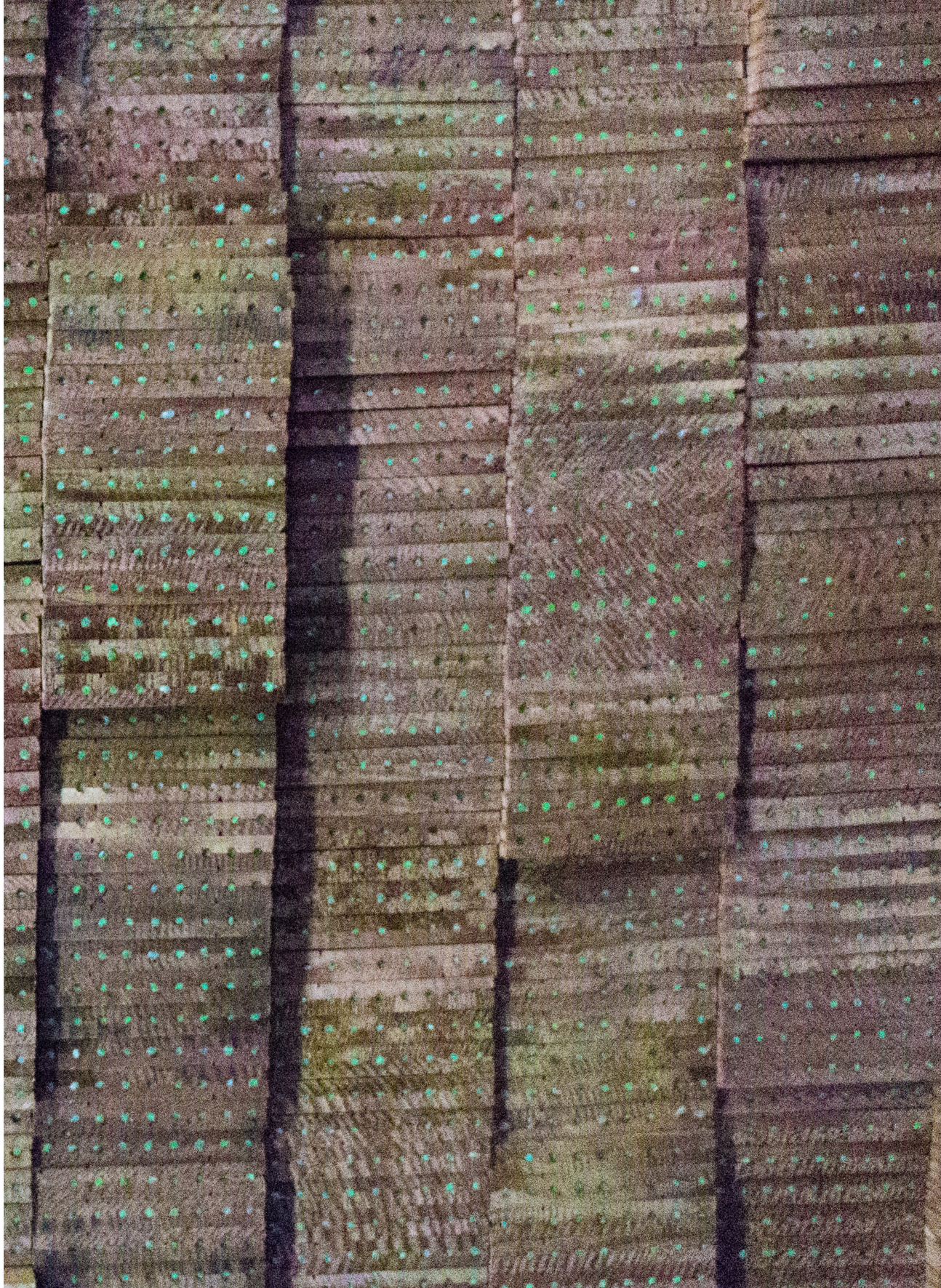
Fotografia do autor

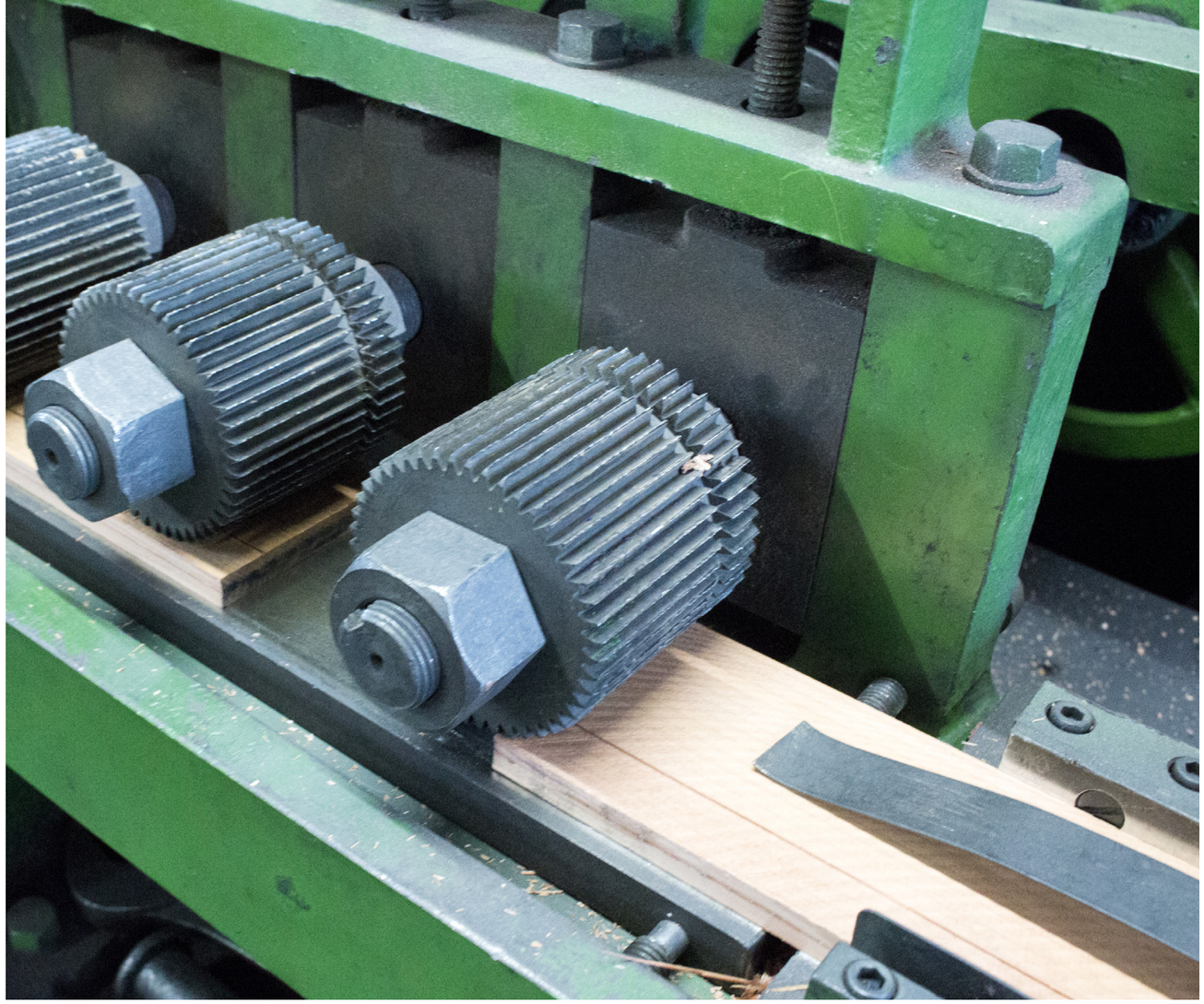
Saídas da prensa, chega-se à fase do arredondamento – isto é, o acabamento. As "sandwiches" são então cortadas, de forma a separar os lápis – ficam, assim, 9 lápis por tábua. O corte dado à tábua depende da forma pretendida para o lápis – hexagonal, quadrado, triangular ou circular.

Uma vez terminada a operação, os lápis em "bruto" são enviados para a secção do verniz, para o acabamento final. Aí, os lápis passam por uma cascata de tinta – cerca de 4 a 6 vezes – que os irá envernizar até ficarem com uma cor uniforme. É graças a estas camadas de verniz que o lápis mantem o seu brilho anos após ter sido comprado.

Para terminar, são cortados os topos (para retirar o excesso de tinta) e é aplicado o acabamento desejado pelo cliente – impresso em serigrafia ou tipos móveis, o design desejado, a colocação de borrachas numa das extermidades, etc...

Assim, após o acabamento, o lápis segue para o empacotamento onde cada lápis é verificado cuidadosamente, limpo de qualquer impureza e colocado nas caixas que todos conhecemos. A partir daqui, resta proceder à distribuição pelos estabelecimentos comerciais, de norte a sul do país.





CORTE

As "sandwiches" são colocadas numa máquina que, com o auxilio, de mecanismos vai serrar o lado de cima, as tábuas são colocadas novamente mas ao contrario e saem da máquina os lápis separados

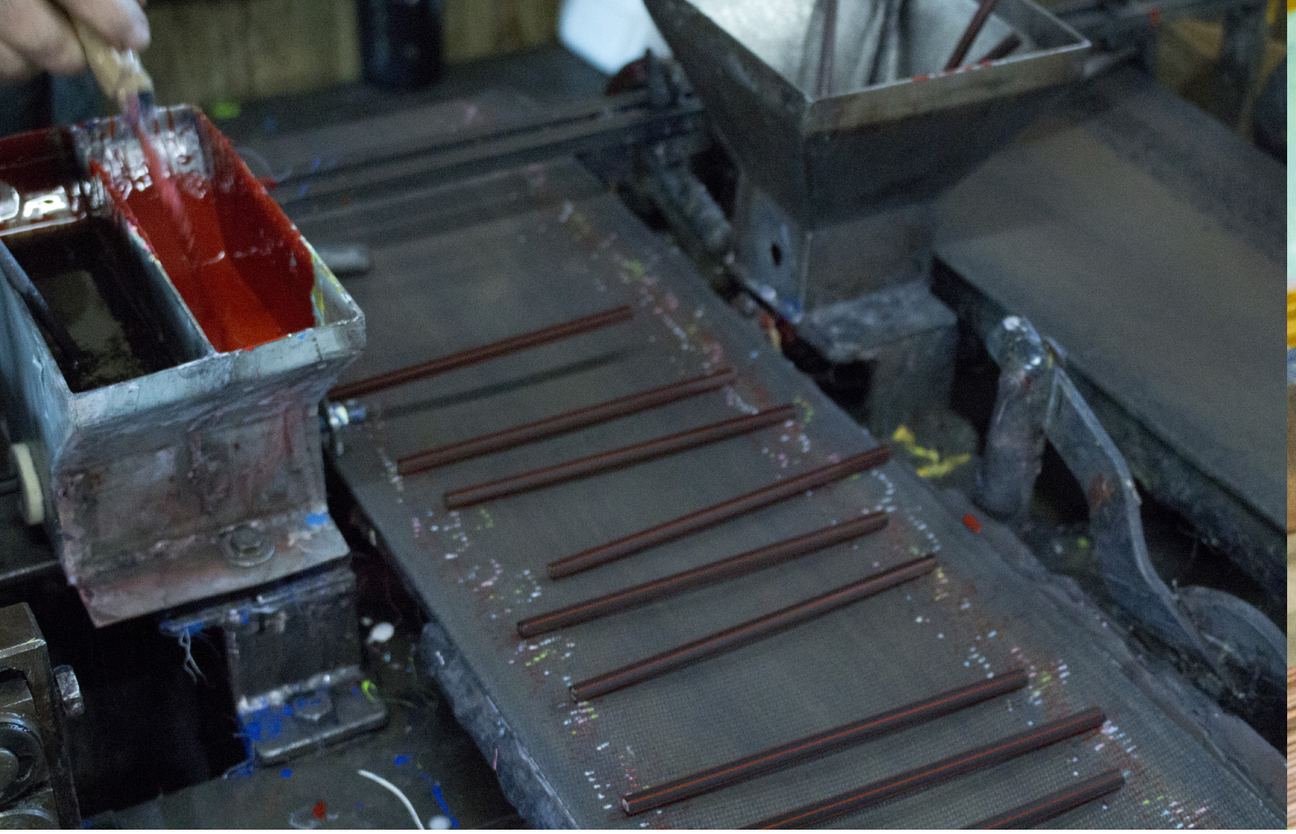
Fotografia do autor

SEPARAÇÃO

Findado o processo anterior os lápis saem da máquina como se vê na imagem

Fotografia do autor









ENVERNIZAÇÃO

Os lápis passam pela cascata de tinta 7 vezes, a quantidade de vezes que são mergulhados é o que assegura que a tinta não saia do lápis com a sua utilização

Fotografia do autor

LÁPIS TERMINADOS

Os lápis depois de afiados estão prontos para o embalamento

Fotografia do autor

EMBALAMENTO

Os lápis são limpos um a um e são colocados de parte quaisquer que possuam defeitos

Fotografia do autor




PARA ESCREVER SOBRE MADEIRA, PEDRA, PANO, ETC.
PORTUGAL • 107 • PROFISSIONAL
INDÚSTRIA DE LÁPIS, LDA
LÁPIS ESPECIAIS

> CITAÇÃO
José Vieira em entrevista para o Jornal Expresso

"Tenho uma empresa que é única no nosso país, que detém um património único e que pode ser muito importante para aquela que é a nossa produção cultural."

CONCLUSÃO

A VIARCO, para além da sua componente histórica, tem uma história e saber que passa de geração em geração. A empresa sobreviveu a crises e a conflitos familiares, no entanto superou e hoje ajuda a espalhar o nome do seu pais pelo mundo há mais de um século.

Considerando que existe um interesse cultural e comercial no resultado desta pesquisa, é necessário mostrar a sua relação com a pesquisa.

O interesse cultural passa pela procura da história de marcas que fazem parte da memória nacional e sanjoanense em particular. Neste aspeto, nos últimos anos, o MUSEU DA CHAPELARIA, em São João da Madeira, tem dado um contributo importantíssimo, graças às exposições que tem promovido sobre as indústrias da cidade.

Também se tem assistido, recentemente, a um crescente interesse comercial por artigos e materiais que marcaram o período do Estado Novo, valorizando-se esta "PORTUGALIDADE" que as últimas décadas esqueceram. Assim, muitas marcas portuguesas, há décadas no mercado, têm apostado na reedição das suas embalagens antigas.

Finalmente, é possível que o leitor se questione sobre qual a relação da arqueologia da marca com o design gráfico. Uma destas ligações passa por resgatar e assim apresentar uma parte significativa do design gráfico português do século XX.

A contextualização histórica das marcas contribui para um melhor entendimento do modo como o design gráfico evoluiu em Portugal e teve, assim, implicações na imagem das marcas.

José Vieira quis que os lápis da tabuada os da história da carochinha do abecedário entre tantos outros, tão familiares dos portugueses, continuassem a fazer parte dos estojos escolares dos estudantes.

Com este livro, pretende-se contribuir para a divulgação de algum deste património. Nele, não só se divulgam documentos de valor significativo, como também se procura demostrar a necessidade urgente de resgatar este material da história local.





Lista de Referências

1

Commercio de Villa do Conde, nº 99,
Domingo 11 de Outubro de 1908

2

Breves Notas Sobre
a Casa de São Sebastião em Vila do Conde,
A. FERNANDES

3

Indústria de Chapelaria em S. João da Madeira
A. LIMA, J. RIBEIRO

4

S. João da Madeira - Cidade do Trabalho
M. FERNANDES

5

Monografia de São João da Madeira
M. MARTINS, JOSÉ TEIXEIRA, MANUEL SILVA

6

Subsídios para a História da Indústria de Chapelaria
em S. João da Madeira
J. AMARAL

7

Retirado do Guia do Turismo Indústrial
de S. João da Madeira

Lista de Siglas

C.M.V.C.
Centro de Memória de Vila do Conde

V - VERMELHO
A - AZUL

Breves notas

EDIÇÃO DESENVOLVIDA COMO PROJECTO PARA
MESTRADO EM DESIGN DE COMUNICAÇÃO NA ESAD
PRIMEIRA EDIÇÃO: 2016
AUTOR: ÂNGELO RODRIGUEZ
REVISÃO DE TEXTO: CARMO COSTA

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM A FAMÍLIA LEITURA TWO,
SOBRE PAPEL RENOVAPRINTE 140 GRS

